

**SAN
TAC
RUZ**

REVISTA DOS FRANCISCANOS
DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Julho/dezembro de 2022

Ano 86 - nº2



**GRITO DA TERRA
E DOS POBRES**

REVISTA DOS FRANCISCANOS DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Janeiro/junho – 2022 – ano 86 – nº 2

Rua Sabinópolis, 50A

Carlos Prates

Belo Horizonte-MG

CEP: 30710-340

www.ofm.org.br

Equipe Provincial de Comunicação

Humberto Fernando Leite (Coordenador)

Vitor Vinícios da Silva

Laércio Jorge de Oliveira

Oton da Silva Araújo Júnior

Revisão

Guilherme Ribeiro

Paula Zaidan

Rafael Lima

Diagramação

Míriam Carla Alves

Montagem e Impressão

Gráfica do Colégio Santo Antônio

Coordenação Gráfica

Denilson Fonseca

Expedição

Secretaria Provincial



REVISTA DOS
FRANCISCANOS DA
PROVÍNCIA SANTA CRUZ





EDITORIAL

No Capítulo Provincial, celebrado em janeiro de 2022, assumimos a prioridade de escutar o grito da terra e dos pobres (cf. LS 49). Uma escuta que leva a praticar ações concretas de cuidado com os mais vulneráveis. Neste número, buscamos refletir sobre esses gritos que ecoam em nossa sociedade brasileira.

Na primeira parte, trazemos a Vida da Ordem. Como memória, apresentamos as quatro cartas enviadas pelo Ministro Geral, Frei Massimo Fusarelli, OFM, que nos momentos fortes de nossa espiritualidade nos faz aprofundar no seguimento de Cristo à maneira de Francisco e Clara de Assis. Na carta, por ocasião do Dia Mundial dos Pobres, ele nos recorda que constantemente devemos revisar nosso estilo de vida, como irmãos e menores, buscando uma espiritualidade encarnada que nos leve a sermos mais próximos dos pobres. Também resgatamos a primeira reunião dos animadores de JPIC da Conferência do Brasil e Cone Sul, que estiveram reunidos em Córdoba, Argentina, e assumiram o compromisso de animar, sensibilizar e promover ações nos campos da justiça, da paz e da integridade da criação a partir de uma escuta atenta dos gritos dos mais pobres presentes em nossas entidades. No Encontro Nacional do Sinfrajupe, foi realizada uma análise de conjuntura e foi levantada uma agenda dos assuntos que gritam em nosso tempo, que versam sobre questões ambientais, questões sociais, diversidade e mobilização, culminando em uma Carta Aberta que resgatamos nesta edição.

Na segunda parte, perpassamos pelos principais eventos de nossa Província durante o segundo semestre de 2022. São marcos da nossa história que devem ficar registrados e frescos em nossa memória.

Na terceira parte, apresentamos quatro artigos: três que nos aprofundam na temática do grito da terra e dos pobres e um que nos envereda pelos caminhos da história franciscana. Dom Vicente, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, nos leva a refletir sobre a conversão ecológica a partir de sua experiência pessoal tendo em vista “o duro chão da lida dos atingidos e atingidas pela mineração”.

No segundo texto, Frei Rodrigo Péret, OFM, nos questiona se a energia limpa é realmente limpa e aborda a mineração sustentável e a mineração climaticamente inteligente como uma contradição intrínseca. Ele nos leva a constatar que ainda estamos insistindo em caminhos não sustentáveis para enfrentar a crise climática.

O terceiro texto é escrito por Frei Fábio Vasconcelos, OFM. Ele nos leva a ouvir o grito dos povos originários da Amazônia, que até o dia de hoje são marcados pelo colonialismo. Ele nos lembra que o seu grito é de resistência frente às forças genocidas e etnocidas que querem roubar seus direitos e apagar sua cultura.

O último texto é escrito pelo nosso Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, que nos presenteia com a história de João de Pian del Cárpine, figura importante de nossa história franciscana. Frade da primeira geração franciscana que teve um papel fundamental na divulgação e “implantação da novidade minorítica”, sobretudo através da via do Oriente.

Por fim, na quarta e última parte de nossa revista, apresentamos o registro das Atas da Assembleia Provincial, ocorrida entre os dias 25 e 27 de outubro de 2022, em Santos Dumont (MG).

Que possamos escutar o grito da terra e dos pobres e buscarmos ações mais concretas para o cuidado dos vulneráveis de nosso tempo!

Boa leitura!



SUMÁRIO

EDITORIAL

VIDA DA ORDEM

- Carta do Ministro Geral às Irmãs Pobres por ocasião da Solenidade da Mãe Santa Clara 2022 **111**
- Primeiro Encontro Presencial da Comissão de JPIC da Conferência Brasil e Cone Sul **116**
- Carta do Ministro e do Definitório Geral a toda Ordem para a Solenidade de São Francisco 2022 **119**
- Carta do Ministro Geral para a VI Jornada Mundial dos Pobres **126**
- Encontro Nacional do Sinfrajupe **129**
- Carta Aberta à Nação Brasileira **133**
- Mensagem do Ministro Geral para o Natal de 2022 .. **135**

VIDA DA PROVÍNCIA

EVENTOS E ENCONTROS

- Marcha Franciscana completa 22ª edição à Nascente do Rio São Francisco **141**
- Celebração do Perdão de Assis em Brumadinho .. **143**
- Ordenação Presbiteral de Frei Carlos Alexandre da Silva Lima **146**
- Assembleia da Formação Inicial **149**

Segundo Encontro Anual de Guardiães	151
Encontro Vocacional	153
Encontro de Leigos e Leigas da Província Santa Cruz 2022	155
Assembleia Provincial da Província Santa Cruz ...	157
Renovação de Votos Temporários	161
Celebração dá Início ao Ano Vocacional	163
Ordenação e Primeira Missa de Frei Agmar	164
Profissão Temporária	167

REFLEXÕES

Conversão Ecológica: uma experiência pessoal	171
Energia Limpa é realmente limpa?	182
Papa Francisco, um irmão dos povos indígenas	189
A Aventura de Frei João De Pian Del Cárpine rumo aos Tártaros Mongóis	196

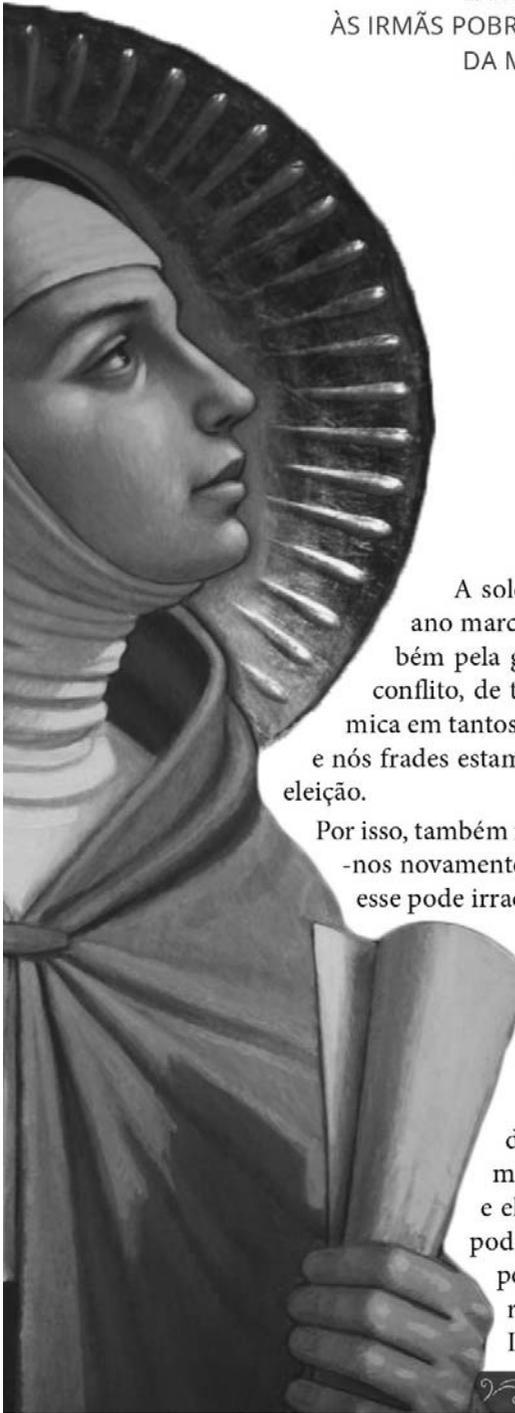
ATAS

Ata da Assembleia Provincial - Dia 24 de outubro de 2022	213
Ata da Assembleia Provincial - Dia 25 de outubro de 2022	216
Ata da Assembleia Provincial - Dia 26 de outubro de 2022	222
Ata da Assembleia Provincial - Dia 27 de outubro de 2022	231



VIDA DA ORDEM





CARTA DO MINISTRO GERAL
ÀS IRMÃS POBRES POR OCASIÃO DA SOLENIDADE
DA MÃE SANTA CLARA 2022

GRATAS HOJE PELO DOM DA VOSSA VOCAÇÃO!

Caras Irmãs,
o Senhor vos dê paz!

A solenidade da mãe Santa Clara retorna neste ano marcada, não apenas pela pandemia, mas também pela guerra na Ucrânia e por outras formas de conflito, de tensão social e de crise climática e econômica em tantos países do mundo, onde vós, irmãs pobres, e nós frades estamos presentes e vivemos a nossa vocação e eleição.

Por isso, também neste ano, somos interpelados a perguntar-nos novamente qual é o centro da nossa vocação e como esse pode irradiar luz e esperança neste tempo difícil.

Em vista disso, fiz voltar à memória, por meio de uma leitura orante, o Testamento de Santa Clara, e quero colher convosco algumas passagens que, a meu ver, ajudam-nos a dizer uma palavra importante na busca por um ponto de síntese, capaz de proporcionar-nos uma unificação dos muitos elementos constitutivos da vocação e eleição recebida. Parece-me que este ponto pode sintetizar-se assim: “ter cuidado”, viver, portanto, com vigilância e atenção ao dom recebido, deixá-lo crescer para o bem da Igreja, peregrina entre os seres humanos.

No Testamento, Clara dá-nos algumas palavras para esse “ter cuidado”.

«Entre outros benefícios que temos recebido e ainda receberemos diariamente da generosidade do Pai de toda misericórdia (cf. 2 Cor 1, 3) e pelos quais temos que agradecer ao glorioso Pai de Cristo, está a nossa vocação que, quanto maior e mais perfeita, mais a Ele é devida.» (TestC 2-3)

Clara expressa ao Pai, por intermédio de Francisco, a gratidão por sua vocação, que acolhe com as suas irmãs como um dom que vem do alto.

Pergunto-me convosco o quanto esta consciência acerca do dom recebido e que deve ser restituído ao Pai, mediante uma vida de misericórdia e de alegria, esteja viva em nós. Nas diferentes realidades em que vivemos, naquelas que têm o dom de vocações e naquelas que não o têm, nas situações mais tranquilas e naquelas mais tensas a nível social, onde as repercussões de uma mudança cultural de mentalidade atingem-nos, estamos conscientes que respondemos a um dom recebido, que não nos damos, mas que acolhemos e que somos chamados a acolher e a restituir na gratidão e na alegria? É esta disponibilidade que nos abre o caminho para que a nossa vocação permaneça viva e fecunda hoje.

«Depois que o Altíssimo Pai celestial, por sua misericórdia e graça, dignou-se iluminar meu coração para fazer penitência segundo o exemplo e ensino de nosso bem-aventurado pai Francisco (...), como o Senhor nos concedera pela luz da sua graça através da vida admirável e do ensinamento dele.» (TestC 24;26)

Clara fala de uma “iluminação do coração”, que recebeu do Pai, e de uma “inspiração” que nela amadureceu mediante o exemplo e a palavra do pai São Francisco: esses dois elementos, essenciais em cada vocação, devem ser custodiados durante toda a vida. Vocação é dom, mas não simplesmente dado, uma vez por todas, mas que cresce por meio de um cuidado constante. Daí necessitarmos expor-nos continuamente à presença e à palavra do Senhor para receber esta iluminação do coração, sob cuja luz podemos reconhecer a verdade da vida a que somos chamados, a inspiração que a move. Ter cuidado quer dizer custodiar a presença e a voz do Espírito do Senhor em nós, permanecer atentos aos caminhos que temos de percorrer para viver hoje, de modo dinâmico, a nossa vocação.

Aprendamos a cuidar da luz e da inspiração que o Senhor não cessa de semear abundantemente entre nós. Não reduzamos o carisma e a vocação a uma série de regras a serem observadas ou a uma mudança contínua de modalidades e expressões, porque o cuidado pede fidelidade, atenção, crescimento em profundidade, nutrimento das raízes.



«Depois, escreveu para nós uma forma de vida, principalmente para que perseverássemos sempre na santa pobreza (...), para que depois de sua morte não nos desviássemos dela de modo algum, como o Filho de Deus, enquanto viveu neste mundo, não quis jamais afastar-se da santa pobreza ». (TestC 33-34)

Nesta passagem do Testamento, Clara reúne o coração da sua vocação no «seguir a vida e a pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima» (RSC VI,7), e Francisco foi claro ao indicar este caminho aos irmãos e às irmãs. Na linguagem de Francisco e de Clara, isso significa, sabemos-lo bem, seguir o movimento da encarnação, na qual o Filho de Deus humilhou-se, e o movimento da Paixão, aquele do amor que se inclina para lavar os pés. Esta pobreza do Filho de Deus toma forma na escolha de uma vida que renuncia às garantias de rendas e seguranças mundanas, para manter-se como peregrinas e forasteiras mesmo no reduzido espaço de um mosteiro. Um caminho radical de expropriação, nos passos d'Aquele que escolheu viver sem nada de próprio, renunciando a ser até mesmo como Deus, para entregar-se totalmente e com confiança ao amor do Pai. Ter cuidado dessa pobreza, no movimento profundo do amor, pode levar a escolhas muito fortes, capazes de deixar garantias e seguranças. Parece-me que isso signifique redescobrir ainda o trabalho como fonte de sustento, compartilhar a vida de muitos que não têm garantias – e não por escolha deles –, rever a relação com tudo o que nos dá garantia, principalmente o dinheiro. Esta é a alternativa evangélica às muitas garantias que com frequência buscamos. Clara foi uma mulher livre, não teve medo de confiar, de ficar mesmo sem pão, a fim de experimentar a providência e o cuidado que o Senhor tinha por ela e por suas irmãs. Recebemos este cuidado e, por isso, podemos aprender a cuidar também da nossa vocação. Essa tarefa do cuidado cabe também a nós, vossos irmãos, e vós nos recordais disso.

Clara confia esta custódia à Igreja, a Francisco e aos seus sucessores. Ela sabe que sozinha, que as irmãs sozinhas não podem custodiar um dom assim tão grande. E, ao mesmo tempo, nós, vossos irmãos, não podemos fazê-lo sozinhos, porque necessitamos de uma pertença maior que é aquela à Igreja, Povo de Deus, e também à nossa família toda inteira. Considero, por isso, o quanto seja importante para a custódia da vossa vocação e pobreza a pertença à Ordem, a comunhão com as outras irmãs por meio da federação e também através da Ordem compreendida em sua inteireza.

Ninguém se salva sozinho, somos interconectados, como a Laudato sii do Papa Francisco diz-nos de modo muito claro, e tudo isso é nomeado



de custódia e de cuidado pelo dom mais precioso que temos, aquele da nossa vocação e eleição.

Este cuidado do dom da nossa vocação refere-se não somente a nós hoje, como diz Clara, inclui também as irmãs que virão. A vocação é um dom que recebemos não somente para nós, durante os poucos anos que nos são dados, nem somente para este ou aquele mosteiro. É um dom que nos precedeu e que viverá mesmo depois de nós e não está vinculado às paredes de um edifício ou a uma comunidade, mas sim à forma de vida. Nos dias de hoje, em que muitos mosteiros têm de fechar suas portas, muitas vezes após séculos: tenhamos confiança! Confiemos no Pai das misericórdias que se mantém fiel. O dom da vocação está vivo, e também todo o bem realizado pela comunidade permanecerá mesmo depois que essa deixe de existir, e viverá com e nas outras irmãs. Basta pensar nos mosteiros que são abertos e florescem em muitos países do mundo: a nossa vocação está viva!

Quanta liberdade nos é doada nessa abertura do coração, o quanto ensina-nos a viver sem nada de próprio e a restituir ao Pai tudo que temos recebido!

«E amando-vos umas às outras com a caridade de Cristo, demonstrai por fora, por meio das boas obras, o amor que tendes dentro, para que, provocadas por esse exemplo, as Irmãs cresçam sempre no amor de Deus e na mútua caridade». (TestC 59-60)

Clara indica às irmãs a via do amor e do cuidado recíproco como a estrada apropriada para custodiar-se o dom da vocação e eleição. Vós viveis, caras irmãs, uma realidade muito forte e concreta de fraternidade. Compartilhais tudo durante uma vida inteira, aprendeis a conhecer-vos e a participar da vida, da busca e do cotidiano de cada uma das irmãs. A esse respeito, vós tendes muito a ensinar-nos! Este amor fraterno tem de ser custodiado, porque a sua raiz é teologal e não se reduz a uma humana simpatia ou afinidade. Este amor é feito de gestos concretos, de cuidado e de custódia cotidiana e, hoje, de modo especial, solicita de nós a atenção à vivência humana, afetiva e espiritual de cada



uma das irmãs. Estamos muito mais conscientes hoje acerca da complexidade que compõe o ser humano e, por isso, sabemos que somos chamados a cuidar de toda a pessoa, na sua integridade. Isso aplica-se ao tempo da formação inicial e, especialmente, ao longo de todo o caminho que cada irmã vive, nas diferentes idades da vida, e que afeta o caminho de cada mosteiro.

Chegando à conclusão do que desejei dizer-vos este ano, retomo as palavras de Clara, que rematam o Testamento e que compõem-se enquanto uma oração e uma admoestação. Na oração, confiamos, com Clara, tudo ao Pai do Nosso Senhor Jesus, mediante a Virgem Maria, forma da vida das Irmãs Pobres, com o olhar voltado para Francisco, que continua a custodiar a vossa vocação. Nessa gratidão, Clara admoesta-nos a crescer e a perseverar no bem, a permanecer, portanto, abertos e atuantes na resposta à nossa vocação. Sabemos bem que toda vida e, portanto, também a vida segundo o Espírito e de nossa vocação, se não cresce, paralisa e morre. O cuidado que aprendemos a cultivar um em relação ao outro proporciona justamente que todos respondamos com vitalidade, de acordo com a vontade de Deus, ao bem mais precioso que recebemos, aquele da nossa vocação e eleição.

E manter-se nesse caminho, julgo ser o modo mais verdadeiro para atravessar este tempo difícil, onde tudo parece entrar em colapso e exterminar o futuro. Clara convida-nos, em vez disso, a olhar em frente, a não parar. Na medida em que crescemos nesta esperança, tornamo-nos fermento no mundo, que necessita dessa esperança mais do que nunca.

Com esta oração e a bênção da própria Santa Clara, deixo-vos e desejo que vivais a festa dela de modo luminoso e intenso, contando com sua poderosa intercessão, junto do Pai, pela Igreja, pelo mundo, pela paz, por nossa família que tanto necessita ser confirmada e crescer no dom da sua vocação.

«Por isso, dobro os joelhos diante do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Ef 3, 14) para que, pela intercessão dos méritos de sua Mãe, a gloriosa Virgem Santa Maria, de nosso bem-aventurado pai Francisco e de todos os santos, o Senhor que deu o bom começo dê o crescimento (cf. 1Cor 3, 6.7) e também a perseverança até o fim. Amém.» (TestC 77-78).

Confirmo-vos a minha proximidade e cuidado de irmão, com a minha afetuosa saudação e com a bênção de São Francisco.



Fr. Massimo Fusarelli ofm

Frei Massimo Fusarelli, ofm
Ministro Geral

PRIMEIRO ENCONTRO PRESENCIAL DA COMISSÃO DE JPIC DA CONFERÊNCIA BRASIL E CONE SUL

*Frei João Paulo Gabriel, OFM –
Secretário da Comissão de JPIC Brasil e Cone Sul*



Os animadores de JPIC da Conferência do Brasil e Cone Sul estiveram reunidos de 12 a 15 de setembro na cidade de Córdoba, Argentina, território da Província Franciscana de *la Asunción de la Santísima Virgen del Río de La Plata*, para a reunião presencial prevista na última Assembleia da Conferência em abril, na cidade de São Paulo, com o objetivo de discutirem a nova organi-

zação da conferência, partindo dos serviços desenvolvidos em cada realidade, conservando a particularidade de cada região, e, por fim, a construção dos EEPP desta nova organização, como consta no EEGG, no Artigo 43.

“§2 Todas as Conferências e Províncias elaboram Estatutos que preveem a integração da JPIC na vida e missão da Ordem, tanto durante a formação inicial como permanente, e também para aqueles que estão especificamente ligados à JPIC”.

O serviço de JPIC é uma organização da dita Conferência que anima, sensibiliza e promove ações nos campos da justiça, da paz e da integridade da criação. Esse trabalho é realizado tanto na vida fraterna cotidiana como nas secretarias das Províncias e Custódias, organizado segundo pede o Artigo 45, parágrafo segundo dos EEGG. “Nomeia-se, se possível, um conselho ou comissão que ajude o Ministro Provincial, Custódios e animadores de JPIC a promover a formação e a atividade de JPIC no âmbito da Província ou Custódio”. Portanto,

a Comissão de JPIC está formada pelos animadores de cada Entidade da nova Conferência Brasil e Cone Sul.

O encontro presencial foi aberto com as palavras de Christian Rodriguez, leigo colombiano residente em Buenos Aires, que levou os frades presentes a fazerem um panorama na história da Igreja na América Latina, partindo do Concílio Vaticano II, passando por cada Conferência Latino Americana e Caribenha (CELAM). Nesse panorama, frisou a visão de Igreja como povo de Deus, onde somente Jesus Cristo é a cabeça, associando os discursos dos clamores da Igreja Latina com as falas proféticas do Papa Francisco, reafirmando também a opção da Igreja pela humanidade, na ação do seguimento de Jesus que se embasa na ampliação do conceito de pobres, ou seja, todo aquele que carece de uma vida digna, chegando, por fim, na construção de uma nova cultura cristã, como assim convida a Conferência do Santo Domingo em 1992.

O SERVIÇO DE JPIC É UMA ORGANIZAÇÃO DA DITA CONFERÊNCIA QUE ANIMA, SENSIBILIZA E PROMOVE AÇÕES NOS CAMPOS DA JUSTIÇA, DA PAZ E DA INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO.

Nesses dias que se tornaram poucos, os frades iniciaram a pauta, a saber: partilha dos trabalhos em comum, proposta de frentes e trabalhos que irão ser assumidos a nível de conferência, pauta para ser apresentada no Conselho Internacional de JPIC no Rio de Janeiro e construção dos EEPP.

Já no primeiro ponto, a discussão abrangeu todo o dia, uma vez que foram vistos e avaliados os serviços executados em cada entidade, resguardando as ações de JPIC que não são de iniciativa da citada oficina, porém carregam a dinâmica e espiritualidade dela, o que desafiou os frades a escolherem suas prioridades, no esforço de respeitar as particularidades de cada país, conseguindo por fim elaborar uma proposta para ser levada à Conferência dos Provinciais.

Vendo necessária e sendo uma exigência dos EEGG da Ordem, como citado acima, os animadores de JPIC fizeram a leitura de EEPP das Conferências vizinhas, como também a da extinta Conferência do Cone Sul, a fim

de encontrarem elementos que são de suma importância para a construção dos EEPP da nova Conferência do Brasil e Cone Sul. Chegaram, desse modo, à elaboração desses.

Ainda nesse tempo, os frades animadores de JPIC puderam gozar da alegria do encontro com os irmãos da Província local, uma vez que na mesma casa estavam reunidos em definitivo, o que possibilitou o convívio fraterno nas orações, refeições e momentos de recreios. Fizeram, também, uma visita à casa de Postulantado, que fica próxima da hospedagem, onde enceraram o encontro com um momento de oração, meditação e espiritualidade conduzido pelos formandos desta etapa da formação franciscana.

Em sintonia com os frades e formandos desta Província, a Comissão de JPIC da Conferência faz votos de frutuosas vocações e que o Espírito de Francisco de Assis seja o exemplo nas ações e decisões de cada frade nesta porção da Ordem Franciscana.

«... Todos os meus
irmãos que pregam,
que rezam e que tra-
balham, tanto aos
clérigos quanto
aos leigos »

São Francisco, RnB XVII, 5

**Caros Irmãos e Irmãs,
o Senhor vos dê paz!**

As palavras de São Francisco que escolhemos como título desta carta oferecem uma síntese precisa da identidade da Ordem assim como Francisco a quis: uma comunidade composta de homens que, na vida cotidiana, exercem atividades diversas, mas que no profundo cultivam a pertença à grande família da Igreja de Jesus. Mesmo na diversidade de seus ministérios, estão unidos pela vocação comum de ser irmãos, isto é, pela decisão de viver a relação com o outro sempre como uma chamada de Deus que “muitas vezes faz ou diz e opera neles e por eles boas palavras e obras” (RnB XVII, 6), recusando, assim, a lógica da apropriação ou subjugação às próprias necessidades ou desejos.

Este ano, por ocasião da festa

de São Francisco, queremos comentar convosco o Rescrito do Papa Francisco, do dia 18 de maio de 2022, com o qual se admitem os irmãos leigos ao ofício de governo¹. Compartilhamos a alegria deste passo que a Igreja amadureceu, graças também ao longo caminho de estudo e de solicitação da nossa Família e de outros Institutos. Esta mensagem é dirigida aos frades menores, às irmãs contemplativas e à Família como memória do carisma comum.

O Evangelho vivido em fraternidade

A vocação e a missão de Francisco levaram-no a ressoar na sociedade e na Igreja do seu tempo a chamada à fraternidade como o fruto mais verdadeiro da Páscoa de Jesus. Tudo nele nasce da surpreendente descoberta de que ninguém é esquecido pelo amor misericordioso do Pai, que acolhe todos nós como filhos amados: são e leprosos, ladrões e bandidos, papas e sultões, cavaleiros e mendigos...

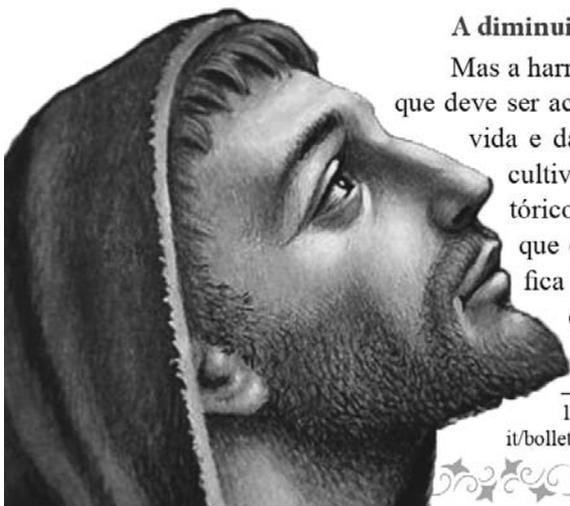
A vida e as palavras de Jesus indicaram a Francisco a meta a ser buscada, e a fraternidade foi o caminho que lhe permitiu seguir Jesus. Verdadeiramente a vida e a Regra dos Frades Menores é viver e observar fielmente «o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade». O centenário da aprovação da Regra, do qual faremos memória em 2023, quer ajudar-nos a retornar a esse coração da nossa identidade, juntamente com a alegria da Encarnação, que celebraremos sempre em 2023, com o oitavo centenário do Natal de Greccio.

Também para nós a fraternidade é o espaço onde experimentar a vida nova segundo o evangelho e vivenciar aquela harmonia que só pode nascer de notas diversas e de uma multiplicidade de instrumentos musicais. Desta forma somos profecia de uma humanidade fiel ao desígnio original do Criador.

A diminuição numérica dos irmãos leigos

Mas a harmonia da diversidade é uma realidade que deve ser acolhida enquanto dom, como fruto da vida e da Páscoa de Jesus, a ser guardado e cultivado com cuidado. No momento histórico em que estamos vivendo, parece-nos que cuidar do dom da fraternidade significa também partilhar a nossa preocupação pelo declínio numérico dos frades leigos na Ordem, cujo percentual em

¹ Cf. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/05/18/0371/00782.html>



relação aos frades clérigos é maior².

Se a diminuição geral na Ordem obriga-nos a refletir com sabedoria, como pediu-nos o Capítulo Geral 2021, aquela dos frades leigos é um sinal que deveria preocupar-nos. A nossa Fraternidade parece ter dificuldades para guardar essa diversidade de ministérios que a caracteriza desde as suas origens. Francisco compreendeu a sua fraternidade como diversa, quase alternativa em relação à vida monástica ou canônica; hoje temos dificuldades para acolher a originalidade desta forma de vida. Corremos o risco, talvez, de transformar-nos em uma comunidade de ministros ordenados que se referem a uma Regra, considerada sobretudo como um instrumento para organizar dignamente a convivência comum, ao invés de ser uma provocação contínua para projetar formas sempre novas de vida fraterna segundo o evangelho? Naturalmente, constata-se que a situação não é igual nas diferentes áreas em que a Ordem se faz presente; mas estamos convictos de que se trata de uma questão que vai ao coração da nossa vocação e que, portanto, interpela todos os frades.

Tudo isso constitui principalmente um apelo à nossa proposta de formação. Com efeito, o que nos une é sermos todos irmãos, não em primeiro lugar sacerdotes. Faz-nos bem redescobrir sempre de novo e propor, da formação permanente àquela inicial, que a primeira vocação de cada um de nós é aquela de ser frade menor. É trilhando este caminho que também podemos apreciar novamente o grande dom que é a realidade dos frades leigos, e apresentá-la com mais convicção também na nossa proposta vocacional.

Alguma reflexões

Nessa situação de diminuição, um sinal positivo veio do Papa Francisco que, com o seu já citado Rescrito, reconhece que a participação de todos os freis na vida, na missão e no governo da fraternidade é determinada pela partilha do mesmo carisma. Não é uma questão apenas de “direitos” e de poder, mas de carisma e identidade. A partir do dom deste Rescrito pontifício, parece-nos oportuno tecer mais alguma reflexão.

1) **A vida consagrada no primeiro milênio cristão foi fundamentalmente de natureza laical.** No curso da história, já desde os primeiros séculos da era cristã, a vida consagrada nasce, com efeito, do desejo de viver o evangelho de modo mais radical, levando a uma escolha que oriente integralmente a existência dos homens e das mulheres que a essa se sentem chamados; homens e mulheres que são e permanecem leigos. Não se trata evidentemente de olhar com nostalgia para um passado já muito remoto; com efeito, temos de considerar também que na Igre-

² Cf. A Nossa Vocação Entre Abandonos e Fidelidade, Roma 2019, n. 3 .1-2, p. 11-14.

ja surgiram comunidades religiosas de tipo clerical e que esta tendência marcou também as Ordens mais antigas. A história é complexa, mas não nos isenta de perguntar-nos agora se entre nós o desejo totalizante de «viver segundo a perfeição do santo evangelho» como irmãos seja ainda tão vivo a ponto de orientar as nossas escolhas pessoais e fraternas para o futuro e, portanto, decisivo no que diz respeito a uma identidade clerical, que sempre corre o risco de absorver a vocação dos frades menores.

Aliás, vamos pensar bem nisso: São Francisco não era presbítero e é justamente nele que encontramos uma raiz fundamental da nossa identidade. São Francisco, em relação aos sistemas hierárquicos e estratificados da sociedade e de algumas instituições no seio da Igreja e da vida religiosa do seu tempo, pensou nos “frades menores” como homens chamados a realizarem-se na própria família, por meio de um código de comunhão fraterna radicada e fundada na caridade e na minoridade. Este ideal implicava um desafio permanente para a máxima familiaridade entre os irmãos, para a igualdade, teológica e juridicamente, no sinal do amor cristão, do respeito, do serviço e da obediência recíproca³.

Eis porque sentimos muito próximo o sopro que anima o Rescrito do Papa Francisco que, para nós, é de grande inspiração a fim de reavivar hoje a intuição originária da nossa vocação. À luz de tudo isso, confessamos o temor de que, no mundo, não poucos candidatos à nossa vida sejam atraídos mais pelo estado clerical do que pela vida dos frades menores. Ou que não saibam suficientemente a diferença entre esses. Além disso, nosso sistema de formação não inspira e apoia essa conscientização, bem como o perfil e a atividade da maioria das nossas fraternidades e modos de presença, muito marcados pelo ministério presbiteral. Isso poderia explicar até o fato de mais da metade dos frades clérigos que deixam a nossa Fraternidade ingressarem no clero diocesano, declarando, em termos inequívocos, sentirem-se mais sacerdotes do que frades menores. É urgente uma mudança de marcha.

2) A vocação leiga no seio de nossa fraternidade é preciosa, sobretudo porque é memória viva da dimensão sacerdotal inerente à consagração batismal, que está na raiz da consagração religiosa. Em virtude de seu batismo, todo aquele que crê, é chamado a participar do único e perfeito sacrifício de Cristo, não somente por meio da celebração sacramental, mas em especial através do dom da própria vida para o bem dos irmãos e das irmãs: este é o verdadeiro culto segundo o Espírito⁴ que todo batizado, clérigo ou leigo deve oferecer a Deus. A relação com

3 Cf. A Identidade da Ordem Franciscana no Momento de sua Fundação. Documento da Comissão Inter-franciscana “Para o Estudo da Ordem Franciscana como “Instituto Misto”, maio de 1999. Enchiridion OFM II, nn. 3281-3282.

4 Cf. Rm 12, 1.

Deus, assim compreendida, não se torna uma ocupação entre outras que preenchem o meu dia, mas a orientação de fundo que coloca ordem e unifica todas as outras atividades que sou chamado a cumprir, clericais ou laicais que sejam. « O dom que cada um recebeu, ponha-o a serviço dos outros, como bons administradores da graça multiforme de Deus... a fim de que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo...»⁵.



3) A reflexão sobre a presença dos irmãos leigos na nossa Ordem pode, enfim, tornar-se um convite a conscientizar-nos da **responsabilidade que, como discípulo de Francisco, temos para com toda a comunidade eclesial**. Neste momento histórico tão difícil, marcado também na Igreja por turbulências, inquietações, resistências e reivindicações, a chamada que une sem contraposições clérigos e leigos no seio da nossa fraternidade pode também tornar-se um incentivo para sonhar com uma Igreja em que se realiza verdadeiramente a palavra de Cristo: « Não seja assim entre vós, mas o maior seja como o menor, e quem manda, como quem serve »⁶. São as palavras que inspiraram a Francisco o nome da sua fraternidade: *frades menores*, ou seja, pessoas que sentem o desejo de servir porque experimentaram que foi o Senhor quem primeiro se colocou a serviço delas. Esta parece-nos uma chamada urgente que o nosso tempo dirige a nós que trazemos esse nome: não deveríamos ser testemunhas hoje de uma comunidade em que ninguém se considera como « os reis das nações ... e os que exercem o poder sobre essas »⁷? A Igreja necessita urgentemente do testemunho desinteressado de homens e mulheres que mostrem com a própria vida que é possível viver como irmãos e irmãs, não como concorrentes ou como adversários. Só este testemunho pode cortar pela raiz toda forma de clericalismo (que provenha de clérigos ou de leigos), toda pressão social, pretensão de domínio ou de superioridade em relação aos irmãos, qualquer visão míope que considere a diversidade de vocações como uma ameaça à vida bem ordenada da organização eclesial.

Os Encontros dos frades leigos

Como definitório geral, acreditamos que os encontros dos frades leigos a nível de Conferências e aquele a nível internacional, em 2025, pedidos pelo Capítulo Geral 2021, serão lugares e oportunidades preciosas para essa reflexão, com a avaliação que faremos e a esperança de um reavivamento da nossa vocação integral.

⁵ 1Pd 4, 10.

⁶ Lc 22, 26.

⁷ Cfr. Lc 22, 25.

Em vista disso, convidamos a preparar e viver com convicção estes encontros.

É daqui que podemos acolher a oportunidade que o Papa Francisco nos oferece para chamar outros irmãos ao governo da Ordem: é provocação para repensar e mudar mentalidades arraigadamente estabelecidas e para abrir-nos ao futuro que o Espírito já suscita entre nós.

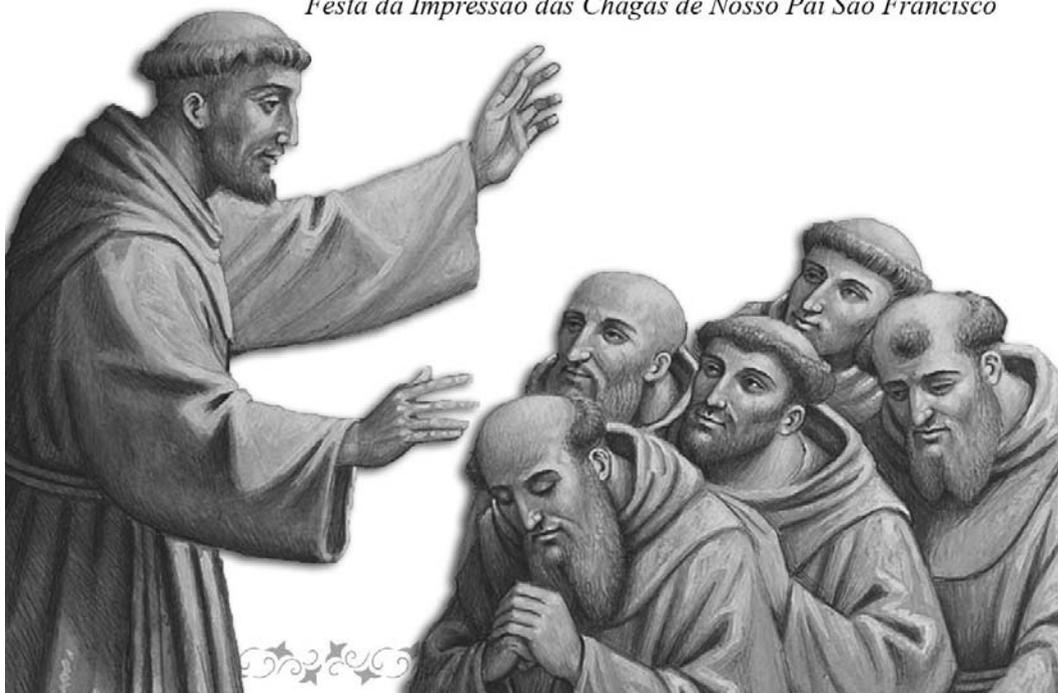
Caríssimos irmãos e irmãs, a celebração da Festa do Nosso Pai e Irmão São Francisco ajude-nos a retornar ao coração da nossa vocação, a viver a unidade em torno do núcleo incandescente da chamada do Senhor.

Ajude-nos a não deixar a chama do carisma extinguir-se sob o peso de desilusões e cansaços; reacenda, assim, o fogo da vida e da fé, os maiores dons que recebemos.

Nesse espírito, saudamos cada um e todos os irmãos que são peregrinos e forasteiros no mundo inteiro, desejando, com a bênção de São Francisco, que vivam com alegria o Evangelho, caminhando nas pegadas do Senhor Jesus, neste tempo difícil e bendito, e permanecendo sempre a caminho com os homens e as mulheres de boa vontade de hoje.

Uma fraterna saudação!

Roma, Cúria geral, 17 de setembro de 2022
Festa da Impressão das Chagas de Nosso Pai São Francisco





Fr. Massimo Fusarelli, ofm

Fr. Massimo Fusarelli, ofm
Ministro Generale

Ignacio Ceja Jiménez, OFM

Fr. Ignacio Ceja Jiménez, OFM
Vicario Generale

DEFINITORI GENERALI

Fr. Jimmy Zammit, OFM

Fr. Jimmy Zammit, OFM

Fr. Cesare Vaiani, OFM

Fr. Cesare Vaiani, OFM

Fr. Joaquin Echeverry, OFM

Fr. Joaquin Echeverry, OFM

Fr. César Külkamp, OFM

Fr. César Külkamp, OFM

Fr. Albert Schmucki, OFM

Fr. Albert Schmucki, OFM

Fr. Victor Luis Quematcha, OFM

Fr. Victor Luis Quematcha, OFM

Fr. John Wong, OFM

Fr. John Wong, OFM

Fr. Konrad Grzegorz Cholewa, OFM

Fr. Konrad Grzegorz Cholewa, OFM



ORDO FRATRUM MINORUM

MINISTER GENERALIS

Curia Generale dei Frati Minori (OFM), Via Santa Maria Mediatrice 25, 00165 Roma - Italia. Tel. +39.06.684919

Fax. +39.06.632247 - eMail: mingen@ofm.org

CARTA DEL MINISTRO GENERAL PARA LA VI JORNADA MUNDIAL DE LOS POBRES

XXXIII DOMINGO DEL TIEMPO ORDINARIO – 13 DE NOVIEMBRE 2022

- A todos los Frailes de la Orden de Hermanos Menores.

Roma, Italia, a 13 de noviembre de 2022.

Queridos Hermanos,

¡El Señor os dé la paz!

Preámbulo

De nuevo se acerca la sexta Jornada Mundial de los Pobres, deseada por el Papa Francisco, y me gustaría llamar la atención sobre el Mensaje que el Papa escribió el 13 de junio con motivo de la fiesta de San Antonio de Padua, hermano y amigo de los pobres. La invitación es a leerlo personalmente y en fraternidad, con nuestros laicos y colaboradores, *“para hacer un examen de conciencia personal y comunitario y preguntarnos si la pobreza de Jesucristo es nuestra compañera fiel en la vida”* (Mensaje nº 10).

Una llave de acceso: el Centenario Franciscano

Nos estamos preparando, de hecho, a iniciar el Centenario Franciscano 2023-2026 y el Papa Francisco, en la Audiencia que abrió las puertas de su Casa a 300 representantes de la Familia Franciscana el pasado 31 de octubre, dejó muy en claro que *“el próximo centenario franciscano será una celebración no ritual, si sabe aplicar conjuntamente la imitación de Cristo y el amor por los pobres”*. Una palabra fulminante que nos alerta contra las celebraciones puramente conmemorativas y, si no estamos atentos, demasiado auto celebrativas. Destaco algunos elementos para el próximo Centenario de la Regla en Fonte Colombo y la Navidad en Greccio (1223-2023).

Francisco en la Regla bulada dice: *“Los hermanos nada se apropien, ni casa, ni lugar, ni cosa alguna. Y como peregrinos y forasteros en este siglo, sirviendo al Señor en pobreza y humildad, vayan por limosna confiadamente, y no deben avergonzarse, porque el Señor se hizo pobre por nosotros en este mundo”* (cap. VI, 1-3). Y en la Regla no bulada exhorta: *“Y deben gozarse cuando conviven con personas de baja condición y despreciadas, con pobres y débiles y enfermos y leprosos y los mendigos de los caminos”* (cap. IX, 2).

Delante a estas palabras de la Regla, médula del Evangelio, me cuestiono junto a vosotros:

- ¿Cómo resuenan hoy en nosotros y qué suscitan en la memoria de nuestra vocación? ¿Qué significa para mí y para nosotros hoy “no apropiarse de nada”?
- ¿Cuál es la experiencia que tenemos y al mismo tiempo cuánta distancia percibimos de estas?

- ¿Estamos atentos a la situación de los descartados en la sociedad actual? ¿Hemos dado algún paso hacia los pobres concretos, para compartir con ellos tiempo, energía, cercanía?

El 29 de noviembre de 1223, Honorio III aprobó finalmente la Regla y después, en menos de un mes, Francisco subió a Greccio para celebrar una Navidad muy especial. Quiere ver con sus propios ojos la pobreza en la que el Señor Jesús quiso nacer y en la que siempre viene a nosotros “*bajo una pequeña forma de pan*” (Señor II, 27) en la Eucaristía y en la persona de los pobres. Francisco sabe que “*Jesucristo [...] se hizo pobre por vosotros*” (2Cor 8,9), es decir, pequeño y “menor” por nosotros.

Hacer la verdad en nuestro estilo de vida

A la luz de la Encarnación, la Jornada Mundial de los Pobres nos incita de nuevo a revisar nuestro estilo de vida como hermanos y menores: las Constituciones nos dicen que “*En el uso de vestidos y calzado, atiendan los hermanos a la pobreza y humildad, y absténganse de todo aquello que parezca vanidad*” (CCGG 48 §2), como lo dice la Regla¹. Vivir según las apariencias no vale la pena, una vida unificada y verdadera sí.

Las Constituciones añaden: «*recordando que la altísima pobreza trae su origen de Cristo y de su pobrecilla Madre, y teniendo presentes las palabras del Evangelio: “Anda, vende todo lo que tienes y repártelo a los pobres”, esfuércense por compartir su suerte con los pobres*» (CCGG 8 §2), «*y todo esto muéstrenlo claramente en su conducta tanto particular como común, incluso con formas nuevas*» (CCGG 8 §3), aprendiendo a compartir los bienes que se nos confían a nuestro uso en beneficio de los pobres (Cf. CCGG 72 §3).

¡La pobreza no es una ideología! Tiene el rostro de los pobres y para nosotros el de los menores: testimonio que en la Orden hay hermanos y fraternidades que se encuentran con los pobres y aprenden a ser menores. Al mismo tiempo, reconocemos con humildad que también estamos lejos de ello, tanto que a menudo nos volvemos irreconocibles como hermanos y menores. A menudo buscamos formas de ser significativos en este tiempo: ciertamente la escucha del Evangelio y el encuentro con el Señor Jesús están en el centro. ¿Cuál es el camino? Una espiritualidad encarnada que nos acompañe a reducir la distancia de los pobres -y cuántos son y cuántos genera hoy el sistema económico e incluso la guerra- nuestros maestros; no tengamos miedo de encontrarnos con ellos y acerquémonos a ellos; escuchémoslos con caridad sincera y respeto, aprendiendo de ellos de buena gana, como de todos (cf. CCGG 93). “Los pobres son personas que nos ayudan a liberarnos de las ataduras de la inquietud y la superficialidad” (Mensaje nº 8). ¿No es esta la experiencia de San Francisco? Del leproso a San Damián.

Me pregunto con vosotros:

- ¿Percibimos una conexión entre el “detenerse” en la contemplación, la oración y luego seguir adelante, caminando en el testimonio de Cristo?
- ¿Podemos “hacer muchas cosas” por los pobres y defender sus derechos, sin doblarnos las mangas e involucrarnos directamente con ellos como menores, superar la indiferencia hacia los pobres y cuestionarnos cómo vivimos? (Cf Mensaje nº8)
- ¿Podemos intentar revisar los estilos de vida que ahora damos por descontados o inevitables debido a las supuestas necesidades de diversa índole y que nos hacen “más grandes” en lugar de

¹ Cf. 2R 2,14-15.



“menores”? ¿Nos medimos por el nivel de vida de la gente donde vivimos, especialmente en esta época de crisis económica generalizada? ¿Cómo podemos vigilar conjuntamente el estilo de nuestros edificios, los vehículos que utilizamos, la facilidad de acceso a ciertos bienes y garantías, la pretensión que a menudo hay entre nosotros de que no falte nada, los empleados de nuestras casas, el trabajo - no sólo pastoral- de todos los hermanos como medio ordinario de subsistencia?

- ¿Qué relación tenemos con el dinero? ¿Nos deslumbra? ¿Dependemos de ello? ¿Nos lo quedamos para nosotros? ¿Buscamos aun aprender y a fiarnos a la Providencia y a restituir los bienes a los pobres?

Le entrego con ilusión estas preguntas, que siento que van dirigidas en primer lugar a mí y sé que no son fáciles. No se trata de un examen para responder. Es una memoria de nuestra forma de vida, es una palabra para sacudirnos de una resignada relajación y pereza, es una llamada a la belleza de nuestra vida que, estoy seguro, al menos una vez nos ha capturado y encendido a cada uno de nosotros. Pues bien, todavía es posible, incluso en este tiempo, vivir como hermanos y menores, ¡Atrévamonos a más!

Un gesto de minoridad

Como el año pasado, pido a cada uno, al menos con otro hermano o más de uno, hacer un gesto de minoridad, de entrega a la Providencia, de servicio y de compartir con los pobres. Será la mejor preparación para el Centenario de la Regla y de la Navidad en Greccio. Pidamos juntos, con incesante invocación al Espíritu del Señor, ministro general de la Orden, que sople con fuerza para reavivar hoy entre nosotros la llama del carisma, todavía asidos por Cristo, tocados por la vida de muchos, capaces de cuidado común entre nosotros los hermanos. Quien quiera, puede compartirme por favor el gesto realizado por escrito (mingen@ofm.org). Será un testimonio, una circulación de bienes que daré a conocer.

Queridos hermanos, hagámonos dignos de la bendición de los pequeños y de los humildes y de menores nos convertiremos a su vez en una bendición para muchos. Santa María, la Madre pobre de nuestra fraternidad, nos guarde fieles a la escucha del Evangelio y que san Francisco nos acompañe en este camino.

Con mi fraterno y afectuoso saludo.



Fr. Massimo Fusarelli OFM
Fr. Massimo Fusarelli OFM
Ministro General y siervo

Prot. 111742

ENCONTRO NACIONAL DO SINFRAJUPE

“Mais do que nunca é preciso esperar”



Aconteceu em São Paulo (SP), de 25 a 27 de novembro, o Encontro Nacional do Sinfrajupe – Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia. O evento reuniu 34 lideranças representantes de diversos ramos da Família Franciscana, motivadas pela máxima de que “mais do que nunca é preciso esperar”. Vindas(os) de Norte a Sul do Brasil, a partir da nova realidade que se abre no país, frente aos retrocessos dos últimos anos no campo ambiental, dos direitos e da democracia.

O principal objetivo do encontro foi refletir sobre a trajetória de articulação das franciscanas e franciscanos no Brasil por meio do impulso que oferece o Sinfrajupe, à luz dos desafios identificados na conjuntura religiosa, social, ambiental, política e econômica. A partir do chão de nossas realidades, o momento permitiu a reformulação da estrutura e prioridades de articulação do movimento para os próximos anos.

Foram dias de muita reflexão, com rodas de conversa, painéis de análise, trabalho em grupos, mística e bons encontros em torno da mesa dos diversos cafézinhos, chimarrão, e demais refeições preparadas pela equipe da Cozinha Solidária do Sefras – Ação Social Franciscana.

O evento acolheu a participação da pastora Romi Bencke e do sociólogo Rudá Ricci, que apontaram elementos importantes para atuação no Brasil. Rudá caracterizou o momento histórico a partir de conceitos como “fascismo”, fortalecido nos últimos anos de forma organizada e perigosa. Por outro lado, indicou que, com a vitória de Lula, agendas urgentes devem ser priorizadas, pós-eleições. Já a pastora concentrou a análise

em elementos para o enfrentamento do ultraconservadorismo, como uma agenda contínua de mobilização, incidência e da importância de se criar novos conceitos e linguagens que conversem com o desejo e realidade das pessoas.

A partir dessas análises, foram organizados quatro grupos para debate sobre agendas contemporâneas e urgentes: Ambiental, Questões Sociais, Diversidade e Mobilização. Os participantes dos grupos foram provocados a responder às seguintes questões: “O que fazer?”, “Como Fazer?” e “Quem fará?”. Destaca-se que, de modo histórico, foi trabalhada uma prioridade do Sinfrajupe na atuação pela diversidade, com relatos de violências vividas dentro e fora da Igreja por pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+. Além disso, a mobilização por meio da comunicação foi pautada como atividade central para apresentar contraposição ao avanço neoconservador e fascista na ocupação dos espaços, da sociedade e da Família Franciscana, principalmente por meio da internet.

O resgate histórico, tão importante para a fidelidade ao ideal de vida franciscano, foi realizado ao longo das atividades por

“VIVEMOS EM UM NOVO TEMPO.

É NECESSÁRIO NOVAS FORMAS DE ENXERGAR E REFLETIR, ASSIM COMO NOSSA FORMA DE ESTAR E DE SE ORGANIZAR NAS DIFERENTES REALIDADES”.

Frei José Francisco Santos, Frei Rodrigo Péret e Frei Atílio Battistuz, que possuem uma trajetória mais longa no Sinfrajupe. Frei José disse que “vivemos em um novo tempo. São necessários novas formas de enxergar e refletir, assim como nossa forma de estar e de se organizar nas diferentes realidades”. Frei Rodrigo colabora ao afirmar que “o Sinfrajupe é o espaço de fraternidade daqueles que assumem o dever de defender a vida acima de tudo. É porto seguro que acolhe na chegada e que envia à missão”. Frei Atílio, na manhã do terceiro dia, destacou que “esta articulação produz uma espiritualidade diferente e isto tem que nos orientar e nos motivar sempre”.

No final do encontro, foi elaborada e aprovada uma Carta Aberta a respeito dos atos de violência armada ocorridos nos últimos dias no Espírito Santo e Rio de Janeiro. Também foram pactuadas todas as propostas apresentadas pelas discussões realizadas, com objetivo de es-

tabelecer um método de organização e responsabilidades a serem firmadas pelas pessoas que compõem o Sinfrajupe, que passa a ser organizado por três Comissões (Meio Ambiente, Combate à Fome e Diversidade), bem como um Grupo de Trabalho (Mobilização e Comunicação). As pessoas eleitas durante o encontro como coordenadoras desses grupos formarão, juntamente com a Executiva do Sinfrajupe, uma Equipe de Articulação responsável por dar coesão às atividades e deliberar os direcionamentos de atuação.

A proposta é que as Comissões e GT sejam ampliados com participações de franciscanos e franciscanas engajadas(os) nessas questões temáticas e que possam participar no desenvolvimento das ações. Como forma de registrar a estrutura pactuada coletivamente, será elaborado um planejamento de cada um dos subgrupos, a ser apresentado para a equipe de articulação no início do próximo ano. A partir dessas contribuições, o Sefras

se comprometeu a elaborar um projeto escrito, a fim de que se obtenham objetivos e resultados de forma orgânica e estratégica.

Em continuidade ao projeto de reestruturação do Sinfrajupe, será realizado, no segundo semestre de 2023, um novo Encontro Nacional para avaliar a proposta organizativa e deliberar acerca da funcionalidade do modelo experimentado.

Finalizou-se o evento com as esperanças alimentadas e as forças renovadas para franciscanas e franciscanos representantes de tantos gritos da Terra e dos pobres. O envio para a missão foi conduzido em sintonia ao início do Advento, que convida à reflexão e preparação para a chegada da Boa Nova. Motivadas e motivados pela espera de Deus,

FINALIZOU-SE O
EVENTO COM AS
**ESPERANÇAS ALIMENTADAS
E AS FORÇAS RENOVADAS**
PARA FRANCISCANAS
E FRANCISCANOS
REPRESENTANTES
DE TANTOS
GRITOS DA TERRA
E DOS POBRES.

que, em Jesus, se fez pequeno e pobre para nascer em uma estrebaria, as(os) participantes, em unidade, voltaram para as suas realidades encharcadas(os) pela vivência da fraternidade e impulsionadas(os) a serem instrumentos de Justiça, Paz e Ecologia.



SINFRAJUPE - FFB

Serviço Franciscano de Justiça, Paz e Ecologia
Família Franciscana do Brasil

CARTA ABERTA À NAÇÃO BRASILEIRA

São Paulo, 27 de novembro de 2022.

¹Nós, franciscanas e franciscanos do Brasil, reunidos no Encontro Nacional do Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia – Sinfrajupe, em São Paulo/SP, entre os dias 25 e 27 de novembro de 2022, viemos por esta carta denunciar a violência estatal contra as favelas cariocas, em sua maioria habitadas pelo povo afro-brasileiro que ceifou a vida de 15 e feriu outros 7 irmãos no Complexo da Maré, no Morro do Juramento e no Morro do Estado em Niterói, praticada por meio das polícias militar e civil, braços armados do Estado. Repudiamos também a política armamentista e fascista implementada no Brasil pelo governo federal, nos últimos anos, que levou ao assassinato de professoras e alunos de duas escolas na cidade de Aracruz do Espírito Santo.

Por meio desta manifestação pública, fazemos memória e renovamos nosso compromisso com a carta de princípios do Sinfrajupe, que afirma o dever profético de toda a família franciscana de denunciar "a violência que massacra a vida em todas as suas formas". Por isso nos irmanamos às famílias e comunidades, vitimadas pelo racismo e pelo fascismo, que levaram à escalada da violência contra os pobres e à divisão ideológica nos seios das famílias e das Igrejas.

Em comunhão com o magistério do Papa Francisco, convidamos a família franciscana e a sociedade brasileira para um rigoroso exame de consciência de modo a melhor acolher, cuidar e defender os pobres, os oprimidos e o conjunto da criação em sintonia com o Evangelho.

Como organização da sociedade civil e parcela do Povo de Deus, empenhada na luta pela justiça, solicitamos reuniões online com:

1. o Procurador do MP e o Presidente da Comissão de Controle das Atividades Policiais do MP do Rio de Janeiro;
2. o Governador do Estado do Rio de Janeiro;
3. a coordenação da Equipe de Transição do Governo Federal – Frente Ampla Democrática, com o objetivo de frear o descontrole do uso das armas no Brasil.
4. a Presidente do STF, Ministra Rosa Weber, em vista de solicitar prioridade no andamento das Ações que tramitam com esse enfoque.

Terminamos essa carta aberta, com a certeza de que as entidades citadas irão marcar essas reuniões online para mudarmos o rumo e evitar as opressões na conjuntura do Rio de Janeiro e Nacional.

Coletivo Sinfrajupe

CONTATOS

Fábio Paes

E-mail: fabio.paes@sefras.org.br

Telefone: (11) 95322-8588

Jefferson Eduardo dos Santos Machado

E-mail: jeffesm@yahoo.com.br

Telefone: (21)982464082

Jéssica Maria de Lima Rocha

jessicalimaro.adv@gmail.com

Telefone: (86) 99926-0724

1 - Sefras - Ação Social Franciscana, Rua: Rodrigues dos Santos, 831, Pari, São Paulo-SP, CEP: 03009-010, Tel.: (11) 3291-4433

MENSAGEM DO MINISTRO GERAL
PARA O NATAL DE 2022

O povo
que andava nas trevas
viu uma grande luz ¹

Roma, 8 de dezembro de 2022

A todos os Frades Menores da Ordem
Às Irmãs contemplativas da nossa Família
Aos irmãos e amigos da nossa Ordem

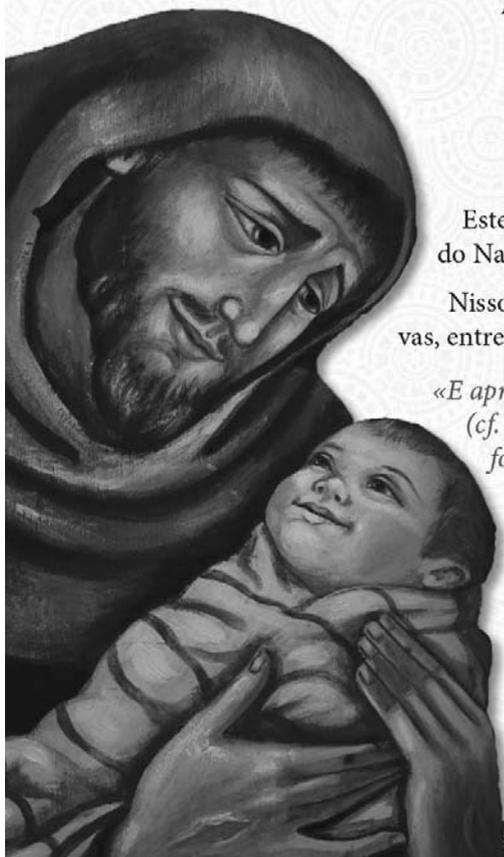
Caros Irmãos e Irmãs,
o Senhor vos dê a paz!

Este Natal nos leva a contemplar já os 800 anos do Natal de Greccio que celebraremos em 2023.

Nisso reconhecemos sinais de luz e sinais de trevas, entre a alegria, a noite e a pobreza do lugar.

«E aproximou-se o dia da alegria, chegou o tempo (cf. Tb 13, 10; Ct 2, 12) da exultação. Os irmãos foram chamados de muitos lugares; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes, preparam, segundo suas possibilidades, velas e tochas para iluminar a noite que com o astro cintilante iluminou todos os dias e os anos. Veio finalmente o santo de Deus e, encontrando tudo preparado, viu e alegrou-se (cf. Jo 8,56). E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o

¹ Is 9,1.



boi e o burro. Ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém»².

A luz do Natal, e do Centenário de Greccio, chega em um tempo sombrio, no qual a paz é ameaçada, na Ucrânia e em outras partes do mundo onde há tantos conflitos, do Oriente Médio a não poucos países africanos, do Caribe à América Central e do Sul, da Ásia à Oceania. Muitos dos nossos irmãos e irmãs vivem nestas fronteiras de guerra e permanecem junto às pessoas, especialmente os pobres.

Hoje, mais do que nunca, fazemos nosso o grito de Jeremias:

«Esperamos a paz, e nada de bom aconteceu! O tempo da cura, e é só terror»³

É um grito de tanta humanidade e queremos fazê-lo nosso apresentando-o a Deus, que nos sacode de nossa indolência e distração, e nos provoca a uma ação e a um pensamento novo.

É com esse grito que, com Francisco, nos preparamos para o Natal: *«Quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém (cf. Mt 2, 1.2) e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi reclinado no presépio (cf. Lc 2, 7) e, como estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno»⁴.*

Com o olhar da luz e a escuridão da noite de Greccio e de Belém, podemos nos unir ao grito de tantos que clamam por paz e esperança: não é um anestésico, mas a maneira de ler os sinais dos tempos e reconhecer na escuridão desta hora dramática os sinais de uma vida que é a luz dos seres humanos, luz que brilha, mesmo se as trevas não a acolham⁵.

O Centenário do Natal de Greccio é uma ocasião para anunciar a luz do Evangelho nestes tempos sombrios. De que modo? Segundo a lógica da Encarnação, para proclamarmos Deus, temos de amar a terra. Deus olha com amor o mundo em crise e, por isso, doa seu Filho e, na fé, nos permite reconhecer justamente no mundo de hoje mais portas abertas do que fechadas, mas oportunidades do que sinais de morte.

Proponho algumas luzes e oportunidades que consigo perceber em nosso hoje.

A crise deste tempo sombrio é oportunidade para um **encontro novo com Aquele que por nós se fez pobre**; é ocasião para cada um e para as nossas fraternidades, que precisam de uma reforma profunda e urgente se querem ter um futuro viável e credível no nosso tempo.

2 1Cel 85.

3 Jr 14, 19.

4 1Cel 84.

5 cf. Jo 1, 4-5.

A crise deste tempo sombrio é oportunidade para **reafirmar hoje a fé e o carisma** com palavras mais essenciais e com ações que demonstrem isso por meio de relações novas. Francisco sobe a Greccio com os irmãos, com os camponeses e os pobres, com o nobre daquela aldeia, sem qualquer barreira.

A crise deste tempo sombrio é oportunidade para **escutar o Evangelho da paz como critério para repensar a fé em Jesus Cristo enquanto memória e profecia**, a fim de interpretar de modo novo, dinâmico e criativo o nosso carisma de irmãos e irmãs, contemplativos, menores, mansos e pacíficos.

A crise deste tempo sombrio é oportunidade para **cultivar o diálogo**: a guerra na Ucrânia revela a desconcertante e dolorosa contraposição entre Igrejas cristãs. É uma provocação que desmascara as instrumentalizações que o poder faz das religiões, que podem não ser “instrumentos do Reino”.

A crise deste tempo sombrio é oportunidade para **cultivar a teoria e a prática da não-violência**, que tem profundas raízes evangélicas e franciscanas, que até entre nós devem ser aprofundadas.

Caros irmãos e irmãs!

Com a solenidade da Virgem Imaculada, no coração do Advento, nos preparamos para viver um Natal luminoso e sombrio ao mesmo tempo, como em Belém, onde o Menino que nasce é ameaçado, e como em Greccio, onde Clara nos convida a *«prestar atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio! (cf. Lc 2, 12). Admirável humildade, estupenda pobreza! O Rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra (cf. Mt 11, 25) repousa numa manjedoura»*⁶.

Acolhamos este dom do alto porque *«como a terra faz germinar as plantas e o jardim faz brotar as sementes, do mesmo modo o Senhor DEUS faz brotar a justiça e a glória na presença de todas as nações»*⁷.

Somos testemunhas de que a paz é dom antes de ser obra nossa e, por isso, cola-

6 Quarta Carta a Inês de Praga (4In), 19-21.

7 Is 61,11.



boramos com o Senhor em vista da floração da vida plena que Ele quer derramar sobre todos.

Nesse espírito, dirijo a todos e a todas os meus mais fraternos votos de um Santo Natal e de um Feliz Ano Novo 2023, início do Centenário Franciscano. Que esta saudação alcance os diversos contextos e situações em que vivemos. Que seja um Natal em que, na espera orante, possamos gritar em comunhão com tantos:

«Céus, destilai orvalho lá do alto, nuvens, fazei chover a justiça! Abra-se a terra e desabroche a salvação! Com ela brote a justiça: eu o SENHOR criei isto»⁸.



Vosso irmão e servo

Fr. Massimo Fusarelli, ofm

Fr. Massimo Fusarelli, ofm
Ministro Geral

Prot. 111861



VIDA DA PROVÍNCIA



EVENTOS E ENCONTROS

MARCHA FRANCISCANA COMPLETA 22ª EDIÇÃO À NASCENTE DO RIO SÃO FRANCISCO

Maria Beatriz

Idealizada no ano 2000, a Marcha Franciscana completou este ano sua 22ª edição, dessa vez de forma presencial. Após dois anos acontecendo de forma virtual devido à pandemia de covid-19, a caminhada partiu no dia 16 de julho da Comunidade São Francisco de Assis, uma ex-colônia de hansenianos na cidade de Bambuí, e terminou no dia 23, em São Roque de Minas, na Nascente Histórica do Rio São Francisco.



22ª Edição da Marcha Franciscana à Nascente do Rio São Francisco

O trajeto, como de costume, passou pelo Parque Nacional da Serra da Canastra, mas carregou uma importância diferente este ano. Isso porque o parque completa seus 50 anos de existência e trabalho pela ecologia e preservação ambiental. Por isso, o tema da Marcha carregou consigo sua relevância histórica nessa edição: “Serra da Canastra: baú de histórias e biodiversidade”.

Nessa edição, o percurso foi avaliado como o mais difícil dentre todos os outros anos. O caminho apresentou longos trechos descampados com alta exposição ao Sol, além do excesso de poeira e fluxo contínuo de caminhões pesados em alguns trechos, visto ser uma área de exploração de agronegócio.

Apesar das dificuldades, Deusa Nunes participa da peregrinação desde 2003 e afirma que todos os anos são únicos, o que a faz se surpreender cada vez mais com a Marcha. “É incrível como a equipe de coordenação organiza tudo. É tudo maravilhoso, desde o nascer do Sol. Só quem viveu sabe”, diz.

Entre os principais objetivos, a Marcha proporcionou momentos de intensa reflexão aos participantes, acolhendo o diverso e respeitando a natureza, ações

que retomam as iniciativas de São Francisco e Santa Clara de Assis. Relembrando também o abraço de São Francisco a um hanzeniano, a Marcha voltou seus olhares às boas práticas e exigiu humildade de seus caminhantes, para a vivência de dias simples. Esta foi uma nova forma de abraçar a todos que atravessaram e acolheram os caminhos da Marcha.

Essa edição também foi a sétima Marcha Franciscana do Frei Renieverton Telles. Para ele, a caminhada é sempre uma oportunidade de se reconectar com a natureza e reencontrar amigos. “É o lugar do encontro, de narrativas de esperança e sobretudo da vivência da fé”, compartilha.

O percurso contou com a presença de 100 participantes e contabilizou 104 km de caminhada no total, divididos em jornadas de 12 a 32 km por dia.

A Marcha é organizada pelos Frades Franciscanos da Província Santa Cruz, o Centro Franciscano de Defesa dos Direitos (CEFAD), os franciscanos(as) da Ordem Franciscana Secular, a Juventude Franciscana (JUFRA), os(as) amigos(as) de São Francisco e simpatizantes do carisma franciscano.

CELEBRAÇÃO DO PERDÃO DE ASSIS EM BRUMADINHO

Frei Oton Júnior, OFM



Na manhã do dia 30 de julho, sábado, os frades dos regionais de Belo Horizonte e Divinópolis, juntamente com leigos, leigas e religiosas, celebraram o Perdão de Assis em Brumadinho, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, que ficou mundialmente identificada pelo rompimento da barragem de mineração da Vale, em 25 de janeiro de 2019, ceifando a vida de 272 pessoas, quatro delas ainda não localizadas.

Na espiritualidade franciscana, o Perdão de Assis rememora a experiência mística de Francisco ao desejar que todas as pessoas que se dirigissem à igreja da Porciúncula recebessem a indulgência para seus pecados. Unindo essa motivação à pauta socioambiental, o Secretariado de Missão e Evangelização decidiu estender o pedido de perdão à irmã e mãe terra, como reza o Cântico do Irmão Sol.

O encontro teve início às 9h30min, junto ao santuário de Nossa Senhora do Rosário, sede da região episcopal de mesmo nome, que compreende o Vale do Paraopeba, na Arquidiocese de Belo Horizonte. Como o Santuário está em reforma, o Secretariado providenciou toda a estrutura para acolher os participantes.

Num primeiro momento, celebrou-se o Ofício Divino das Comunidades, lembrando as três conversões propostas pela Igreja: conversão individual, pastoral e ecológica. Após o lanche, às 11h, houve a celebração eucarística, presidida pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, Dom Vicente de Paula Ferreira, o qual tem se destacado como uma voz significativa junto aos atingidos pela mineração, na

denúncia dos abusos exploradores do sistema de mercado, que deixa um rastro de destruição por onde passa.

A esse respeito, pontua a encíclica *Laudato Si'*: “Constatamos frequentemente que as empresas que assim procedem são multinacionais, que fazem aqui o que não lhes é permitido em países desenvolvidos ou do chamado primeiro mundo. Geralmente, quando cessam as suas atividades e se retiram, deixam grandes danos humanos e ambientais, como o desemprego, aldeias sem vida, esgotamento de algumas reservas naturais, desflorestamento, empobrecimento da agricultura e pecuária local, crateras, colinas devastadas, rios poluídos e qualquer obra social que já não se pode sustentar” (n. 51).

Em sua homilia, Dom Vicente destacou quatro palavras motivadoras para pensar os impactos da mineração, sobretudo relacionadas a Brumadinho:

- a) **MEMÓRIA**, que não deixa os crimes caírem no esquecimento, não como fazem os museus, “com tudo limpo e ar-condicionado”, mas como a memória rebelde e inquieta do Ressuscitado. “É preciso tocar as chagas, pois elas são

a senha do Senhor Ressuscitado”, disse Dom Vicente.

b) **VERDADE**, uma vez que a mídia publica uma realidade de forma mentirosa, como se a reparação às vítimas e ao lugar estivesse acontecendo de forma elogiável, quando, na verdade, as indenizações ainda são um grave problema. Ao mesmo tempo, as belas iniciativas locais nem sempre recebem a devida atenção midiática.

c) **JUSTIÇA**. “Não existe vida feliz sem justiça”, insistiu o Bispo Auxiliar. A imparcialidade da justiça frequentemente não dá o devido crédito aos atingidos e os processos vão sendo protelados, deixando as famílias sem o amparo devido.

d) Por fim, Dom Vicente destacou a importância da **RESISTÊNCIA** que tem brotado entre as pessoas, inspirando ações de solidariedade, motivando projetos criativos, como o Coletivo de Fé e Política e outras ações que visam assegurar emprego e renda para a população local.

Dom Vicente insistiu ainda que, no atual momento brasileiro, não é hora de perdermos tempo com pequenas questões, coisas de menor importância, mesmo dentro da Igreja, quando o que de fato está em jogo é um projeto de nação, de bem-estar legítimo para todo o povo.

Dessa forma, o Perdão de Assis quis unir a espiritualidade a uma grande reconciliação com o meio ambiente, no desejo sincero de conversão do olhar e das atitudes, com vistas a um mundo onde todos possam ter espaço, vez e oportunidades. Como em Francisco de Assis, vemos como inseparáveis “a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (*Laudato Si'*, n. 10).

ORDENAÇÃO PRESBITERAL DE FREI CARLOS ALEXANDRE DA SILVA LIMA

Frei Humberto Leite, OFM



Ordenação Presbiteral de Frei Carlos Alexandre da Silva Lima

Na manhã do dia 6 de agosto, sábado, os frades da Província Santa Cruz, os familiares e amigos de Frei Carlos Alexandre da Silva Lima, além dos paroquianos da Paróquia Santa Rita de Cássia, reuniram-se no Santuário Santa Rita de Cássia, Arquidiocese de Mariana (MG), para celebrar o “sim” de Frei Carlos Alexandre, que, pela imposição das

mãos de Dom Dario Campos, OFM, Arcebispo de Vitória (ES), foi ordenado presbítero da Igreja.

A ordenação presbiteral ocorreu durante a celebração eucarística da festa da Transfiguração do Senhor. A celebração foi marcada pela sobriedade e solenidade do rito. Dom Dario Campos, em sua homilia, refletiu sobre três pontos: a luz do Transfigurado, a luz da palavra do Pai e a luz da Palavra de Deus.

No primeiro ponto, a luz do Transfigurado, foi apresentado que Jesus, o Filho de Deus, em sua transfiguração revela a face de Deus, fazendo-se presente na história do Povo de Deus. A luz do Transfigurado ilu-

mina o caminhar do discípulo, fazendo superar o medo e as incertezas do tempo presente.

No segundo ponto, a luz da palavra do Pai, Dom Dario Campos refletiu sobre a voz do Pai, que chama os discípulos a abrirem o coração para escutar o que o Filho diz, pois sua palavra nos convoca a superar as contradições do nosso tempo e a ser



testemunhas da esperança no tempo em que vivemos.

Por fim, no terceiro ponto, ele falou que a luz da Palavra de Deus deve resplandecer no coração dos discípulos e do mundo inteiro; assim, a missão do discípulo é de levar a luz a todos, comunicando a Palavra de Deus.

Antes de finalizar sua reflexão, Dom Dario enfatizou que a transfiguração é uma experiência para o discipulado e, a partir disso, orientou Frei Carlos Alexandre da Silva Lima a buscar sempre a Palavra de Deus para que ela seja sempre o seu

alimento, pois ela irá fortificá-lo em seu ministério presbiteral, e desejou que seu ministério fosse marcado pela luz da caridade e da compaixão junto aos menores do Reino de Deus.

Ao final da celebração, Frei Carlos Alexandre da Silva Lima fez um breve agradecimento a todos que estiveram presentes na celebração e que estavam unidos a ele em oração. Ele frisou que seu ministério presbiteral será marcado pela memória, oração e resistência.

Que seu ministério seja frutuoso junto ao Povo de Deus.

ASSEMBLEIA DA FORMAÇÃO INICIAL

Frei Pedro Ferro, OFM

Com o tema “Psicologia da vocação na fase da formação inicial religiosa e os desafios no tempo de pandemia”, os membros das etapas da formação inicial – que são Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Tempo de Profissão Temporária –, seus formadores, juntamente com o Secretariado para a Formação e Estudos e o Governo



Provincial, estiveram reunidos de 12 a 16 de agosto, no Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont (MG), para a Assembleia da Formação Inicial da Província Santa Cruz.

A reflexão e os estudos do tema foram conduzidos pela Ir. Ana Vilma Fernandes Moreira, da congregação das Pequenas Filhas de São José. Ela é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Esse encontro fraterno teve, para além dos momentos de estudos, as apresentações culturais de cada casa da formação, além de ter sido enriquecido com o espaço lúdico dos 10+. Houve a disputa do esporte entre as

casas, sendo o Noviciado São Benedito, o Mouro, o vencedor da modalidade do vôlei; já o Aspirantado levou o troféu na modalidade de futsal.

O evento contou, sobretudo, com momentos de orações de devoção franciscana, eucaristia e refeições fraternas. “A Assembleia foi um momento de revigoramento, fortalecimento na caminhada e reflexão da atualidade da formação religiosa”, ressaltou o Aspirante Igor Coutinho.

Seguindo o exemplo do Seráfico Pai São Francisco de Assis, esses jovens se colocam na dinâmica fraterna do amor que está na comunhão entre irmãos.

SEGUNDO ENCONTRO ANUAL DE GUARDIÃES

Frei Oton Júnior, OFM

De 5 a 8 de setembro, os frades guardiães das fraternidades da Província Santa Cruz estiveram reunidos no Centro Franciscano de Formação e Cultura, em Divinópolis, para o segundo encontro anual.



1ª fila: Frei Adenilton, Frei Laércio, Frei Vicente Paulo, Frei Eron e Frei Gilberto.

2ª fila: Frei Jaime, Frei Jonas, Frei Hilton, Frei Celso, Frei Irwin, Frei Carlos, Frei Robério, Frei Oton, Frei Jacir, Frei Geraldo Luciano, Eduardo Galindo e Frei Wander.

Nessa ocasião, a temática foi o adoecimento psíquico, com enfoque no acompanhamento dos frades, mas também no cuidado pastoral.

A assessoria foi realizada pelo psicólogo Eduardo Galindo, do Instituto Acolher, de São Paulo. Os frades puderam refletir sobre os principais adoecimentos de nosso tempo, tais como a depressão, *Burnout*, *Borderline*, suicídio, pedofilia, entre outros.

Segundo Eduardo Galindo, o sofrimento psíquico deve ser acolhido da mesma forma como se acolhe o sofrimento físico, sem julgamentos, mas na atenção necessária ao bem da pessoa.

Houve uma intensa participação dos presentes, manifestando a relevância do tema, proposto pela equipe de Formação Per-

manente, ligada ao Secretariado de Formação e Estudos. O encontro foi avaliado como muito positivo, sugerindo-se, inclusive, que haja uma continuidade nas temáticas abordadas.

A assessoria terminou com o almoço do dia 7 de setembro.

No período da tarde, os frades compartilharam sobre a dinâmica de suas respectivas fraternidades e foram dados avisos referentes aos compromissos provinciais que aconteceriam posteriormente, tais como a Assembleia Provincial, em outubro de 2022, e o Congresso de Evangelização, a ser realizado em 2023.

O encontro de guardiães terminou na manhã do dia 8 de setembro, após a eucaristia, presidida pelo Ministro Provincial, Frei Hilton Faria.

ENCONTRO VOCACIONAL

Frei Keven Daniel, OFM



De 11 a 16 de outubro, na cidade de Betim (MG), ocorreu o encontro de animação vocacional provincial do segundo semestre do corrente ano, acolhido pela fraternidade Santa Maria dos Anjos. O início do evento se deu com a chegada dos vocacionados, seguido do jantar. Finalizou-se a noite com a celebração solene do Ofício Divino das Comunidades.

Dentre as abordagens temáticas, destacam-se “os encontros”, sendo eles: com o leproso, com os irmãos, com o evangelho, com o crucificado e consigo mesmo. Com o intuito de locupletar os momentos, foram convidados leigos, frades e religiosos de outras ramificações da família franciscana.

Muitas foram as atividades que envolveram os vocacionados e os frades da animação vocacional. Dentre elas, foram enaltecidos os momentos de convivência, de trabalhos manuais, as partilhas e as celebrações litúrgicas. Como atividade externa, os vocacionados, o animador vocacional provincial, os frades

membros da animação vocacional do regional Belo Horizonte, os frades de profissão temporária e as psicólogas realizaram, na fraternidade Rivortorto, em Ribeirão das Neves (MG), momentos de oração, lazer, partilha e discernimento.

Louvando a Deus por todas as partilhas, contribuições e realizações ocorridas durante o encontro, o encontro encerrou-se com a celebração dominical da Santa Missa.

Que a Virgem Santíssima, Senhora dos Anjos, interceda sobre todos os vocacionados e vocacionadas da Vida Religiosa Consagrada.

ENCONTRO DE LEIGOS E LEIGAS DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ 2022

Frei Vitor Vinícios, OFM

A Igreja com seus batizados e batizadas vem se preparando para realizar o sínodo em 2023, cujo tema será “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”. Retomar essa temática é retornar ao cerne que constitui a Igreja na sua origem, configurada nos seus diversos ministérios e realidades. Segundo o Papa Francisco, o “caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio (Papa Francisco, 17 de outubro de 2015).



Em consonância com esse chamado, o Secretariado de Missão e Evangelização promoveu, nos dias 7, 8 e 9 de outubro, o primeiro encontro de leigos e leigas da Província Santa Cruz do triênio (2022-2024) corrente, realizado no Centro Franciscano de Formação e Cultura, em Divinópolis (MG).

O encontro foi marcado por um colorido diverso, contou com a participação de representantes das variadas frentes evangelizadoras, tanto paroquiais como de trabalhos sociais e educacionais. Esse momento foi marcado por dois objetivos, a formação e a convivência.

A formação teve como escopo o tema da “Sinodalidade”, que é, justamente, o caminhar junto. Nesse propósito, contamos com a assessoria do Irmão Denilson Mariano, da Congregação Sacra-

mentinos de Nossa Senhora, que nos possibilitou refletir, questionar e apontar novas sugestões e caminhos a serem trilhados.

Durante o encontro, a convivência foi marcada por troca de olhares, conversas amistosas, sorrisos, partilhas de experiências, oração e, claro, muita comida boa.

Em síntese, nós, frades menores da PSC, queremos ouvir nossas realidades no intuito de sermos cada vez mais fiéis à proposta do Evangelho, à maneira de Francisco de Assis. Assim, o encontro já vislumbra o nosso próximo passo, que será o Congresso de Missão e Evangelização que ocorrerá em 2023 e que nos faz, juntos, construir esse caminho na certeza de que o Espírito nos move para que consigamos dar os passos certos e necessários no caminho da evangelização.

ASSEMBLEIA PROVINCIAL DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Frei Humberto Leite, OFM

No dia 24 de outubro de 2022, os frades dos diversos recantos da Província Santa Cruz reuniram-se para a Assembleia Provincial 2022, no Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont (MG), momento propício para o encontro fraterno dos irmãos, de estudo e oração.

A Assembleia Provincial teve seu início com o jantar. Seguidamente, os frades se reuniram na Capela Santo Antônio, onde foi celebrado o Ofício Divino das Comunidades e oficiado por Frei Vicente Paulo do Nascimento. Num breve momento de reflexão, ele explicitou a ação libertadora de Jesus. Esta é para nós, cristãos, um ensinamento que nos chama a ser sinal de libertação em nosso tempo, superando a hipocrisia e nos tornando verdadeiros promotores da vida.

Após a oração do Ofício Divino das Comunidades, os frades se reuniram no salão do Seminário Seráfico Santo Antônio para a sessão de abertura da Assembleia Provincial 2022. O Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, abriu esse evento da Província Santa Cruz resgatando o art. 24 dos Estatutos Particulares da Província Santa Cruz: “A fim de estreitar os laços fraternos na PSC, celebre-se, no primeiro ano de cada triênio, uma assembleia aberta a todos os frades da PSC, à semelhança do Capítulo das

Esteiras”. A partir disso, explicou que a Assembleia é um momento para a convivência, estudo e celebração. Para além, frisou que é um momento de compartilhar a vida da Província Santa Cruz. O dia foi encerrado com um recreio, momento importante de convivência para os frades.

No dia 25 de outubro, terça-feira, teve continuidade a Assembleia Provincial, em Santos Dumont (MG), iniciando-se com a Celebração Eucarística, presidida por Frei Vicente Ronaldo da Silva, na parte da manhã, seguida de um café.

Os estudos do dia contaram com a assessoria de Celso Pinto Carrias, doutor em Teologia com ênfase em Teologia Fundamental, cuja palestra teve como tema a sinodalidade.

Um dos pontos-chave do estudo foi a evolução histórica do caminho sinodal na Igreja, tendo como data-base o Concílio Vaticano II, e como isso tem implicado na vivência do Pontificado de Papa Francisco. Para além, ressaltou que esse sínodo já é um processo iniciado pelo Papa com o Sínodo da Família, da Juventude e da Amazônia. O atual sínodo é um convite a pensar o processo de evangelização com

uma maior participação do povo de Deus, buscando dialogar com as diversas realidades de nossos tempos.

A pergunta “Onde que está o entusiasmo?” também foi tema da conversa. Esta deve ser feita sempre no processo de evangelização. Também foi discutido como a sinodalidade deve servir como um método para transformação da sociedade: interessar-se pelas realidades sociais; salvar vidas – alma e corpo. Não se pode pensar somente na salvação das almas, é preciso pensar que há um mundo que precisa ser salvo, que também é divino porque é criação de Deus. O momento que estamos vivendo é de uma crise civilizatória.

O sínodo deve ser pensado e estruturado em como podemos ser luz, sal e fermento neste mundo. Não é somente “ide e batizai”, mas é fazer discípulos. Nós já estamos em processo de vida eterna. O sínodo deve entrar no estilo (modo de ser), no método e na estrutura. Interessar-se pelo mundo sem querer que ele se transforme em igreja católica.

Também foi exposto que a evangelização não é um fazer pelo e para o povo, mas com o povo. Foram trazidos sete pontos tidos

como fundamentais para a sinodalidade: igreja com os pobres; igreja ministerial; igreja com capacidade de decidir juntos; igreja que transforma a sociedade; igreja que se preocupa com a política; uma igreja poliédrica e uma igreja de irmãos e irmãs.

Os estudos foram encerrados às 17h e, na parte da noite, após o jantar, houve a celebração de um lucernário, seguido de um recreio, momento de confraternização entre os frades.

Na manhã da quinta-feira, 27 de outubro, ocorreu o último dia de Assembleia. Iniciou-se com uma oração na capela e, em seguida, os frades foram para o salão do Seminário, onde foi realizada a avaliação da Assembleia, em que os presentes tiveram oportunidade de compartilhar suas observações.

Depois de um intervalo, houve uma Celebração Eucarística, celebrada pelo Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, OFM. Durante a celebração, Frei Hilton agradeceu a Deus pela vida dos Jubileus da Província Santa Cruz, que fazem ou fizeram aniversário de ordem neste ano. “É tempo de agradecimento, é tempo de síntese, como diria São Francisco de Assis: ‘é tempo de cantar’”, disse o Ministro.

Frades Jubilares da Província Santa Cruz em 2022:

Ingresso na Ordem:

- Raul Ribeiro de Melo
– 75 anos
- Ronaldo Zwinkels
– 70 anos
- Eliseu Tjindink
– 70 anos
- Celso Márcio Teixeira
– 60 anos
- Adelmo Franciso Gomes da Silva
– 40 anos
- Flávio da Silva Vieira
– 40 anos
- Fábio L’amour Ferreira
– 30 anos
- Gilberto Martins Custódio
– 25 anos
- Laércio Jorge de Oliveira
– 25 anos
- Oton da Silva Araújo Júnior
– 25 anos

Ordenação Presbiteral:

- Amarílio Fernandes
– 50 anos



Ainda na celebração, todos os frades presentes renovaram seus votos. Direcionando-se novamente aos Jubilares, Frei Hilton disse: “Caríssimos irmãos jubilares, a nossa consagração

religiosa é a reafirmação do nosso batismo”.

Após a missa, o encontro se encerrou com um almoço.

RENOVAÇÃO DE VOTOS TEMPORÁRIOS

Frei Pedro Ferro, OFM

*“A regra e vida dos frades menores é esta:
observar o santo Evangelho de Nosso
Senhor Jesus Cristo vivendo em obediência,
sem nada de próprio e em castidade...”
(RB 1,1)*

No clima fresco e frio, singulares do Retiro São Vicente de Paulo, dos Fráteres da Misericórdia, em Igarapé (MG), de 2 a 6 de novembro de 2022, os confrades Frei Alan Vitor dos Santos, Frei Gustavo Junior, Frei Igor de Sousa, Frei Ivan Zacarias Rodrigues, Frei Higor Ferreira de Oliveira, Frei Luiz Felipe Teixeira e Frei Pedro Henrique Duarte estiveram em um momento marcante de retiro com o escopo de se prepararem para a renovação dos votos temporários de obediência, castidade e sem nada de próprio para louvor e glória da Santíssima Trindade.

O retiro foi preparado e orientado pelos formadores das duas fraternidades na qual atualmente residem Frei Gabriel José de Lima Neto, da Fraternidade Santa Maria dos Anjos – Betim –, e Frei Valter Pinto Junior, da Fraternidade São Boaventura – Contagem. O



evento contou com momentos fraternos, de espiritualidade, de deserto, de recolhimento, com colóquios, orações devocionais e eucaristia.

Todos esses culminaram domingo, Solenidade de Todos os Santos, às 10h30min, no ponto auge, que foi a celebração eucarística presidida pelo provincial Frei Hilton Farias de Souza, que recebeu, por suas mãos e em nome da Ordem dos Frades Menores, a renovação dos votos

pelo tempo específico à realidade de cada frade. Esse momento solene contou com a participação dos confrades que estão no tempo de profissão temporária e de seus formadores, e de outros confrades.

Rezemos para que esses nossos irmãos sejam fiéis a esse bom propósito que o Senhor, Sumo Bem, em Francisco de Assis lhes inspirou, para que sejam também por eles conduzidos sempre mais à perfeição.

CELEBRAÇÃO DÁ INÍCIO AO ANO VOCACIONAL

Celebração aconteceu no dia 20 de novembro, Solenidade de Cristo Rei, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, missa que abriu o ano vocacional, com participação da Fraternidade São Boaventura. A Eucaristia foi presidida pelo pároco padre Giovanni Souza e pelo Frei Marco Antônio.

O primeiro ano vocacional foi em 1983 e teve o tema “Vem e segue-me” (Mt 19,21, Mc 10, 21, Lc 18, 22). Em 2003, tivemos o segundo ano vocacional, com o tema “Batismo, fonte de todas as vocações, avancem para as águas mais profundas”. E agora, em 2023, terceiro ano vocacional, temos o tema: “Vocação, Graça e Missão – corações ardentes, pés a caminho”.

Ao falar de vocação e celebrar a festa do Rei Jesus, somos chamados a encontrar em Jesus o modelo primeiro de nossa vocação. Ele, nosso Rei, estabelece um reinado para os marginalizados e excluídos da sociedade, portanto a nossa missão é dar continuidade à missão de Jesus.

ORDENAÇÃO E PRIMEIRA MISSA DE FREI AGMAR

Frei Pedro Ferro, OFM

*"O Filho do Homem não tem onde reclinar
a cabeça." (Mt 8,20)*



No dia 19 de novembro de 2022, às 10h, no Santuário Santo Antônio, em Divinópolis (MG), aconteceu a solene celebração eucarística na qual, pela prece de ordenação e imposição das mãos de Dom José Carlos de Souza Campos, Bispo Diocesano daquela igreja particular, e de todos os presbíteros concelebrantes, foi ordenado para o segundo grau do sacramento da Ordem Frei Agmar Roberto Ferreira, OFM.



Dos pontos marcantes da celebração, ficou memorável a brilhante homilia de Dom José Carlos, que lembrou três perfis que deve assumir um jovem frade franciscano menor que se ordena presbítero hodiernamente. O primeiro é o de ser pobre, o segundo é o de ter – como nos ensinam as conferências episcopais latino-americanas – a opção preferencial pelos pobres, e o

terceiro é o de ser um propagador com a vida, exemplo e palavras da bem-aventurança de ser pobre em espírito (Mt 5,3).

Estiveram presentes confrades, sacerdotes do clero secular, membros da Ordem Franciscana Secular, religiosos e religiosas de outras congregações, fiéis leigos, familiares e amigos advindos das mais diversas realidades onde o confrade morou e trabalhou.

Após a missa, aconteceu uma festiva refeição servida nas dependências da matriz paróquial. Logo mais, no mesmo dia, às 19h, com o santuário repleto de pessoas, o neopresbítero presidiu a primeira celebração eucarística, na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

Rezemos para que esse nosso irmão seja fiel a esse bom propósito que o Senhor, Sumo Bem, lhe inspirou, e para que ele seja também, no exercício de seu ministério a serviço do povo de Deus e da Igreja, conduzido sempre mais à perfeição.

Senhor: “Seja ele fiel dispensador dos vossos mistérios, de modo que o vosso povo renasça pela água da regeneração, ganhe novas forças do vosso altar, os pecadores sejam reconciliados, e os enfermos se reanimem. Esteja ele sempre unido a nós, Senhor, para implorar a vossa misericórdia em favor do povo a ele confiado e em favor de todo o mundo. Assim todas as nações, reunidas em Cristo Jesus, se convertam em um só povo, para a consumação do vosso Reino.”
(Prece de Ordenação)

PROFISSÃO TEMPORÁRIA

Frei Pedro Ferro, OFM

*"A regra e vida dos frades menores é esta:
observar o santo Evangelho de Nosso
Senhor Jesus Cristo vivendo em obediência,
sem nada de próprio e em castidade..."
(RB 1,1)*



Em 19 de dezembro de 2022, data escolhida nos anos anteriores, aconteceu a solene eucaristia em que oito frades noviços professaram, pela primeira vez e por um período de tempo específico, a Regra de São Francisco e abraçaram a Vida Religiosa, emitindo, em louvor e glória da Santíssima Trindade, sua consagração na Ordem dos Frades Menores.

Os confrades, então noviços, foram admitidos ao tempo de provação no dia 3 de janeiro do mesmo ano. No dia 21 de dezembro, diante da Igreja e do Povo de Deus, na comunidade Santo Antônio de Antônio Olinho – Paróquia Jesuíta de Nossa Senhora de Montes Claros e São José de Anchieta – Arquidiocese de Montes Claros – professaram os seus votos.

Dos oito noviços, os votos de Frei Gustavo Coimbra e de Frei Lucas Chaves foram acolhidos pelo Ministro Provincial da Província Santa Cruz e Presidente da Celebração, Frei Hilton Farias de Souza. Os outros seis frades, acolhidos pela Província para esta etapa, emitiram seus votos nas mãos do Frei Edilson Rocha, Ministro Custodial da Custódia São Benedito da Amazônia, entidade à qual pertencem.

Na ocasião, e como previsto no rito, os neoprofessos receberam as constituições da Ordem.

É importantíssimo recordar o ardor e a comunhão ali demonstrados, expressos na participação de diversos religiosos, religiosas e padres diocesanos daquela Igreja Particular.

Com os corações ardentes e colocando seus pés a caminho, contribuem, assim, para a missão e a caminhada da Igreja, levando aos cantos por onde passarem a mensagem do Evangelho com empenho e felicidade, pois, como relembra o Papa Francisco: “onde há os consagrados, há alegria.”

Rezemos para que esses nossos irmãos sejam fiéis a esse bom propósito que o Senhor, Sumo Bem, em Francisco de Assis lhes inspirou, para que sejam também por eles conduzidos sempre mais à perfeição.



REFLEXÕES



CONVERSÃO ECOLÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Dom Vicente Ferreira¹

Frei Betto costuma dizer que a cabeça não pensa bem onde os pés não pisam. Logo que recebi o pedido para fazer esta reflexão sobre Ecologia Integral, pensei em escrever um texto a partir de minha vivência concreta. Do duro chão da lida dos atingidos e atingidas pela mineração. Um mundo cheio de feridas impostas por esse sistema de morte. O capitalismo que visa ao lucro. Compartilharei uma narrativa da qual me sinto porta-voz nos tempos atuais. Por isso, escreverei na primeira pessoa do singular. Mostrarei o que mudou em minha vida e missão, desde quando descobri que nosso maior drama atual passa pelas consequências de um estilo de vida global que provoca incontáveis gritos dos mais pobres e da terra.

1 Dom Vicente Ferreira, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, responsável pela Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário, Vale do Paraopeba, cuja sede está em Brumadinho (MG). Nascido em Alegre (ES), tem graduação em Filosofia e Teologia, Doutorado em Ciência da Religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e estágio Pós-Doutoral em Teologia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte. Durante mais de dez anos, foi formador de seminaristas redentoristas. Atualmente, é membro da Comissão de Ecologia Integral e Mineração e da Comissão de Educação e Cultura da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Defensor dos direitos humanos e da natureza, é escritor, poeta e psicanalista, com várias produções literárias. E-mail: vicenteferreirabh1@gmail.com.

Partirei do acontecimento inaugural, que desencadeou uma série de transformações em meu modo de compreender a vida e a fé cristã. O crime da Vale, em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019. Duzentas e setenta e duas pessoas mortas. Em pleno horário do almoço. Maioria estava no refeitório, situado abaixo da barragem da Mina do Córrego do Feijão. Era sexta-feira. Certamente, estavam felizes pelo término de mais uma semana. Quatro desses corpos ainda não foram encontrados. E a bacia do Paraopeba ficou, profundamente, destruída. Envolvi-me numa longa batalha que, cada vez mais, lança-me em cenários inusitados. Em janeiro de 2020, houve uma terrível enchente na região. Ajudei, com uma boa equipe missionária, a amparar dezenas de famílias naquele mar de água misturado com lama. Portanto, não falarei de um crime do passado, mas de uma violação continuada. Nem de uma conversão consumada, porque ainda estou no processo.

No segundo momento, pensarei o que experimento, à luz de alguns versículos da Palavra de

Deus. Se a crise global é sistêmica, do capitalismo que dominou a terra, e seu domínio encontra-se complexo e difícil de ser combatido. Se, apesar de os ganhos da cultura contemporânea serem grandes, as tragédias são maiores. Temos que esperar um outro tempo, a partir de outros lugares. Aconteceu a COP 27, Conferência da ONU sobre o clima. Os cientistas não se cansam de mostrar os efeitos alarmantes da emissão de CO₂. No entanto, os chefes das nações mais poderosas atrasam, cada vez mais, o cumprimento de medidas eficazes. O Brasil, nos últimos quatro anos, revelou-se como tragédia global ao bater recordes e mais recordes de desmatamento da Amazônia. Há uma esperança de que o novo presidente possa colocar em pauta o tema da preservação ambiental.

E trarei elementos de nossa fé para uma ecoteologia da libertação. Apontarei uma retomada de aspectos teológicos, sem os quais nossa evangelização será ineficaz, nesta contemporaneidade pós-moderna. Concentrarei na idolatria do dinheiro como núcleo central de toda uma es-

SE HÁ NECESSIDADE DE CONVERSÃO ECOLÓGICA, É PORQUE
VIVEMOS IMERSOS NUM PECADO TAMBÉM ECOLÓGICO.

trutura pecaminosa. Se há necessidade de conversão ecológica, é porque vivemos imersos num pecado também ecológico. Para nós, cristãos, os problemas políticos e econômicos, consequências de extrativismos que ferem a terra, são um drama de fé. Afinal, cremos que Deus fez o ser humano como parceiro para cuidar da vida toda. “Somente no homem, microcosmo que dentro de si condensa o universo, mas que vive do sopro que o Deus pessoal diretamente insuflou em seu rosto, o mundo pode corresponder à sua secreta sacralidade”².

Por fim, comentarei alguns exemplos concretos para as alternativas. Em nível internacional, participo da Rede Igrejas e Mineração; na CNBB, sou secretário da Comissão Episcopal para Ecologia Integral e Mineração; da Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário, Vale do Paraopeba, Arquidiocese de Belo Horizonte, onde atuo, mostrarei algumas iniciativas. A economia de Francisco e Clara, liderada por jovens de diversas partes do mundo, apresenta palavras importantes

2 PAPA FRANCISCO. Nossa mãe terra. Uma leitura cristã do desafio ambiental. Coleção Amazonizar. v. 1. Brasília: Edições CNBB, 2020. p. 86.

para o contexto desta reflexão. Juntamente com a multiplicação de movimentos de piedade popular, que tal criarmos centros de formação em economia solidária em nossas paróquias, comunidades e estruturas religiosas, para socorrer as pessoas em suas necessidades básicas e defender o meio ambiente? E, para provocar os poderes públicos, os empresários, os sistemas bancários, a sociedade global a uma radical mudança, capaz de colocar a vida acima de qualquer mercado e manter nossa sobrevivência e da biodiversidade nesse espetacular planeta Terra.

1. O CRIME DA VALE EM BRUMADINHO

*“Pensaram que iam enterrá-los, mas se esqueceram de que eram sementes.”
(Atingidos e atingidas pela mineração)*

Essa epígrafe escutei de um grupo de familiares que perderam parentes. Tornou-se referência para o que se sucedeu desde 25 de janeiro de 2019. Lembro-

-me, em primeiro lugar, da dificuldade de nomeá-lo. Muitas autoridades insistiram no discurso de que seria uma fatalidade ou acidente. Desde o primeiro momento, não tive dúvidas de que era um crime. E que muito já se sabia das possibilidades de ele acontecer. O que dói, ainda mais, no coração das pessoas e comunidades afetadas, é este “poderia não ter acontecido”. Foi negligência porque a Vale sabia.

Ao passar dos dias, também ficou claro que não se tratava de uma realidade local. O crime que matou 272 pessoas, em pleno trabalho, e feriu a biodiversidade da região, era resultado de um estilo de capitalismo global. As corporações multinacionais agem nos territórios, sobretudo dos países em desenvolvimento, em nova forma de colonialismo. Ainda mais perverso do que as antigas colonizações. Porque seus instrumentos humanos e tecnológicos de captura são violentos, contra os quais é muito difícil crescer alguma contra-hegemonia.

No pós-crime, destaco alguns passos. A proximidade aos familiares, acolher e administrar

doações vindas de todas as partes do Brasil e do mundo foram atividades intensas nos primeiros meses. Desde a busca pelos corpos, sepultamentos, reuniões para distribuir alimentos, até os diálogos com autoridades civis e militares. De toda parte sugeriram pessoas disponíveis em ajudar. O difícil era organizar as forças, numa realidade tão caótica. Nos ritos, nós nos consolávamos; nas obras, sentíamos a força da so-

lidariedade. Em uma segunda etapa, destaco as programações que se tornaram fixas. Os Atos dos familiares, coordenados pela AVABRUM, no letreiro da cidade, e a celebração da missa, todo dia

**MEMÓRIA,
JUSTIÇA,
REPARAÇÃO E
ESPERANÇA.**

25. Lembrar sempre, para nunca esquecer o porquê do acontecido. Foi nessa fase que nasceu a equipe de assessores da RENSER, o coletivo dos atingidos e o coletivo de fé e política. A coroação de todo esse trabalho deu-se na primeira romaria pela ecologia integral à Brumadinho, celebração acontecida no aniversário de um ano do crime. Memória, justiça, reparação e esperança. Essas palavras nortearam toda essa primeira fase desse enfrentamento no pós-crime.

TRANSFORMAR O LUTO EM LUTA NÃO É TAREFA FÁCIL, NO CONTEXTO DE MINÉRIO-DEPENDÊNCIA.

Considero como segunda fase o que se dá nas disputas de narrativas. Transformar o luto em luta não é tarefa fácil, no contexto de minério-dependência. Toda a máquina de reparação da Vale, inclusive suas cifras milionárias investidas nas mídias, tentam mostrar uma reparação integral. Sua estratégia de trabalho é dividir as lideranças, não passar informações claras, substituir funcionários e perseguir. Desde a primeira romaria, não parei de enfrentar conflitos de interesses e sofrer acusações e ameaças. Principalmente, depois do acordo da mineradora com o governo estadual, lidamos com a tentativa agressiva de apagar qualquer resistência. Por exemplo, os atingidos da Bacia do Paraopeba lutam para que o dinheiro do polêmico acordo seja destinado aos projetos de seus interesses. Normalmente, a tendência é a Vale influenciar as decisões e impor seus encaminhamentos. O “Juntos por Brumadinho”, com doações feitas à Arquidiocese de Belo Horizonte, conseguiu realizar 29 projetos

em vários setores. Agroecologia, fortalecimento da cultura, energia solar etc.

Como terceiro momento dessa luta desigual, destaco os enfrentamentos religiosos, políticos, jurídicos e econômicos de um crime continuado. Os processos de reparação causam outras violações. A comunidade do Tejuco tem sofrido com a contaminação de suas águas. Ponte das Almorreimas, local da obra de captação de água, foi toda atingida. Nossa igreja de São Vicente de Paulo está cercada por turbinas. Em Mário Campos, há uma resistência grande em relação à chegada de mineradoras. Protestamos, denunciamos e exigimos proteção para essas comunidades. Em janeiro de 2022, Brumadinho, Mário Campos, Betim foram atingidas por uma terrível enchente. O volume de chuvas trouxe, para o leito do rio Paraopeba e para dentro das casas, uma quantidade enorme de lama. Expurgos da mineração. O Santuário Nossa Senhora do Rosário e vários pontos das paróquias da região abrigaram

inúmeras famílias, receberam e distribuíram uma quantidade grande de doações. Além disso, o índice de doenças físicas ou psíquicas tem aumentado na região. O crime potencializou e intensificou problemas que já faziam parte da rotina na comunidade, como a violência e questões psicossociais, culturais, biológicas e ambientais aos municípios.

MARIANA, SÃO SETE ANOS!

DESDE BRUMADINHO,
DAMOS-LHES AS MÃOS.

DESISTIR NÃO É OPÇÃO.

AINDA QUE A NOITE SEJA
ESCURA.

MAIS VALE NOSSA BRAVURA.

ENQUANTO HÁ VIDA,
HÁ LUTA.

PARA MUDAR ESSA HISTÓRIA.

CERTO, CONCEIÇÃO
EVARISTO:

“COMBINARAM DE NOS MATAR,
MAS NÓS COMBINAMOS
DE NÃO MORRER”

(Twitter, 5/11/22).

2. POR UMA ECOTEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

“É impossível ser
saudáveis em um
mundo doente.”

(Papa Francisco)

Como disse, antes de ser uma narrativa política, econômica ou ecológica, defendo a perspectiva da fé cristã. Um cristianismo encarnado e libertador que nos abre a possibilidade de denunciar uma civilização idolátrica. Porque está alicerçada no acúmulo. Que tem servido para distanciar uma minoria bilionária de uma maioria pobre ou descartada. Essa é a causa também da destruição da biodiversidade. Como afirmou Leonardo Boff, “o paradigma do mundo moderno, o poder como dominação sobre tudo e sobre todos, ganhou sua máxima expressão na cultura do capital, gerador de desigualdades: uma injustiça social e outra ecológica. É individualista, competitivo e excludente”³. A idolatria do dinheiro gera inúmeros gritos nos mais pobres

3 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/594964-ecologia-e-teologia-da-libertacao>. Acesso em: 20 nov. 2022.

“A HARMONIA ENTRE CRIADOR, A HUMANIDADE E
TODA A CRIAÇÃO ESTÁ DESTRUÍDA PORQUE TIVEMOS
A PRETENSÃO DE TOMAR O LUGAR DE DEUS”

e na terra. Busco, com redes de trabalhos, alternativas.

Felizmente, a Igreja tem nos proposto um horizonte muito promissor. Depois de analisar a aguda crise socioambiental e fazer o convite para uma conversão ecológica, a *Laudato Si'* nos inspira com um dado especificamente teológico. O evangelho da criação. O Antigo Testamento deixa claro que o ser humano não é senhor absoluto da terra, porque ela e tudo que ela contém pertencem ao Senhor (Cf Dt 10, 14). A criação é fruto da bondade divina. “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31). O Novo Testamento revela que Cristo é a subsistência de todas as coisas. “Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3). Mais adiante, São Paulo escreve: “Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas têm nele a sua consistência” (Cl 1, 16-17). O catecismo da Igreja Católica afirma. “As várias criaturas, queridas no seu próprio ser, refletem, cada uma a seu

modo, um raio da infinita sabedoria de bondade de Deus”⁴.

E o que presenciamos hoje? Que “a harmonia entre criador, a humanidade e toda a criação está destruída porque tivemos a pretensão de tomar o lugar de Deus”⁵. Reconhecer isso é um ponto-chave para a mudança de paradigma. Portanto, a crise socioambiental pela qual passamos é uma realidade urgente para ser tratada não somente no campo da política ou da economia, mas, sobretudo, da fé. Por isso, nossa espiritualidade cristã, em muitos cenários, presta serviços ao que destrói a humanidade e a terra. Principalmente quando promove uma religiosidade alienada.

Qual seria a minha proposta? O aprofundamento da ecoteologia da libertação, com metodologias populares, que atinja nossas comunidades cristãs e outras realidades. Para isso temos a larga experiência da edu-

4 Catecismo da Igreja Católica, n. 2416.

5 FRANCESCO. *Laudato Si'*. Lettera enciclica sula cura della casa comune. Milano: Paoline, 2015, n. 66.

cação libertadora, da comunicação popular, dos movimentos sociais etc. Apesar de todas as críticas que esse fazer teológico latino-americano e brasileiro vem sofrendo, não podemos desperdiçar o seu maravilhoso legado. Só uma reflexão da fé, a partir da realidade dos pobres e da terra, podemos, como pastores, educadores, fiéis, ajudar na superação do perigo da esquizofrenia entre fé e vida; culto e transformação ecossocial; devoção e engajamento político.

O magistério da Igreja já fez orientações sobre a Teologia da Libertação. “A aspiração pela libertação, como o próprio termo indica, refere-se a um tema fundamental do Antigo e do Novo Testamento. Por isso, tomada em si mesma a expressão ‘teologia da libertação’ é uma expressão perfeitamente válida: designa, neste caso, uma reflexão teológica centrada no tema bíblico da libertação e da liberdade e na urgência de suas incidências práticas.”⁶ Em carta ao episcopado brasileiro, depois da visita *ad limina*, em 1986, São João Paulo II disse: “É indispensável ter presente a

importante reflexão da Instrução *Libertatis Conscientia* sobre as duas dimensões constitutivas da libertação na sua concepção cristã: quer no nível da reflexão, quer na sua práxis, a libertação é, antes de tudo, soteriológica (um aspecto da Salvação realizada por Jesus Cristo, Filho de Deus) e depois ético-social (ou ético-política)”.

[QUER NO NÍVEL DA
REFLEXÃO, QUER NA SUA
PRÁXIS, A LIBERTAÇÃO É,
ANTES DE TUDO,
SOTERIOLOGICA]

Diante de grupos extremistas e fundamentalistas, que insistem em aprisionar a missão da Igreja em formas alienadas de crer, corremos perigos de retrocessos. Não podemos nos acomodar e é por isso que proponho o fortalecimento da teologia da libertação como caminho de escuta profunda do grito dos pobres e da terra. Caminho de reflexão teológica capaz de formar uma consciência crítica nos fiéis sobre o que está acontecendo com a mãe terra. E, a partir daí, contribuir também para a práxis libertadora a partir do Evangelho de Jesus Cristo, que é vida plena

6 Instrução da Congregação para Doutrina da Fé. *Libertatis Nuntius*. Roma, 1984, p. 3.

para todos. Sem essa perspectiva de uma fé cristã encarnada, capaz de combater a injustiça socioambiental, o futuro da evangelização fica comprometido e estará sujeito a um tipo de cristianismo de massa, conivente com o sistema que domina.

OS POBRES E AS FERIDAS
DA TERRA.

ESSES AGUDOS GEMIDOS
DA CRIAÇÃO E DOS IRMÃOS
EXCLUÍDOS.

O QUE JULGA NOSSO SER
CRISTÃO.

SE DEFENDEMOS A VIDA
OU NÃO.

NO EVANGELHO,
ENCONTRAMOS OS
CRITÉRIOS.

VIDA INTEIRA DE JESUS.

E É O ESPÍRITO SANTO
QUE ALUMIA.

QUE NÃO DEIXA MORRER
SUA PROFECIA.

(Twitter, 8/11/22).

3. ALTERNATIVAS: OS BENS COMUNS

Do luto de cada um à luta comum.

Tenho aprendido, cada vez mais, que não é possível lograr uma conversão ecológica sem a mudança de mentalidade e de endereço. Eu mesmo venho fazendo, no corpo e na mente, esse caminho. Na proximidade com os atingidos e convivendo com as inúmeras violações da mineração no seio da terra, é que me clareia a missão de pastor. O estar junto é indispensável. Sair do centro para a periferia é uma atitude complexa. Abandonar as pretensões dos referenciais de nossa cultura ocidental, branca, machista etc. Desapegar-se sobretudo do preconceito. Os pobres e a terra não são laboratórios para verificarmos nossas hipóteses de fé. Na verdade, são os lugares teológicos por excelência. Se não participo de sua vida concreta, não me mantereirei num processo de conversão autêntico.

Hoje, na condição de defensor dos direitos humanos e da terra, não tenho dúvidas de que, em nome do Evangelho, e da doutrina social e ambiental da Igreja, devo combater o sistema neoliberal que tem na mineração um

dos seus mais fortes aliados. E a forma de fazer isso é reforçar a voz dos coletivos que lutam pelos bens comuns, que têm a utopia da globalização do amor e da proteção da terra. «Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras» (LS 1). A terra é nossa casa comum. O clima é um bem comum e bem de todos. A biodiversidade é um bem essencial. Água é bem comum, direito de todos os humanos e de todos os seres vivos, não privatizável, porque tudo que é privado deixa de ter destino universal. Um ar limpo, uma atmosfera limpa é patrimônio da Casa Comum, da humanidade e de todos os seres vivos.

Além disso, a educação é fundamental para a vida em sociedade. Os movimentos sociais, aos quais o Papa Francisco tem dirigido uma palavra especial como “poetas sociais”, defendem que a educação tem que ser pública, de qualidade extensiva a todos e todas. A saúde é um bem necessário a todas as pessoas, portanto deve ser pública. O alimento é fundamental para toda vida humana e animal. Nada se move sem energia, e no mun-

do atual praticamente todos os eletroeletrônicos dependem da energia. Tem que ser considerada um bem comum, socialmente construída, destinada a todos e todas. Terra, teto e trabalho são direitos de todos. Por fim, a democracia é bem comum fundamental em qualquer regime social, político e econômico. O povo tem direito de escolher seu destino. Portanto, um bem comum que exige a dedicação abnegada de todos e todas para ser mantida. Ela é a condição de possibilidade para a promoção de uma cultura, com seus bens tangíveis, intangíveis, espiritualidades, crenças, símbolos, nexos vinculante de uma determinada sociedade, que seja promovida como bem comum.

Construir processos práticos que acompanhem a construção de narrativas tem sido um dos maiores desafios que encontro. Por isso, a Economia de Francisco e Clara está se configurando como um caminho alternativo. Seus princípios são iluminadores porque estão ancorados na doutrina social e ambiental da Igreja. Seus pilares são a ecologia integral como garantia da vida em sua dignidade; o desenvolvimento integral, aliado ao cuidado de toda a criação,

tendo a soberania dos povos e a luta nos territórios como seus fundamentos; o bem viver como alternativa global ao capitalismo, ou seja, a filosofia prática que nos faz caminhar na direção da nova economia, construída sob o paradigma da igualdade, da sustentabilidade e da cidadania; a convicção de que tudo está interligado. A proposta de que nas periferias é que germinam as experiências revolucionárias, que brotam das lutas emancipatórias dos movimentos sociais, das comunidades de base, dos povos originários, das articulações populares e de tantos outros.

O empenho na urgência de realmar a economia, colocando no centro das relações sociais a vida em sua diversidade e dignidade, na construção de uma nova sociedade mais igualitária, na qual mulheres, crianças e adolescentes, negras e negros, povos originários, comunidades LGBTQIA+ e todos os demais grupos oprimidos tenham seus corpos respeitados e direitos garantidos. A crença na territorialidade, como espaço de vivência cotidiana dos povos originários, dos quilombolas, camponeses, migrantes e outros marginalizados. A construção de uma

educação pública, gratuita, inclusiva, inovadora, libertadora, ambiental e artística. A aposta em uma economia pautada na justiça social, que reconheça as diversidades e que crie redes entre os movimentos sociais a partir dos princípios da economia solidária e agroecológica.

UM POEMA FINAL

E ESSA FUMAÇA, QUE NÃO
PASSA.

DO FOGO E DA POEIRA DE
MINÉRIO.

UM CASO MUITO SÉRIO.

LUTO PELA PRESERVAÇÃO

MAS O CAPITAL
É UM DRAGÃO.

CADA VEZ MAIS VIOLENTO

NÃO SE IMPORTA COM
LAMENTOS.

SEI QUE NÃO É FÁCIL
MUDAR O SISTEMA.

E NÃO PARTICIPAREI DA
COLHEITA

MAS QUERO MORRER
SEMENTE.

ENERGIA LIMPA É REALMENTE LIMPA?

Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret, OFM

*Mineração sustentável,
mineração climaticamente inteligente,
uma contradição intrínseca*

No mundo de hoje, estamos em meio a uma série de crises que interagem de forma sinérgica. Essa sinergia sem precedentes envolve crises em todas as esferas – política, econômica, social e ambiental, para citar apenas algumas. Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco fala sobre ecologia integral e chama a atenção para o fato de que tudo está interligado.

Os mais vulneráveis às crises são pobres, crianças, famílias chefiadas por mulheres, pessoas com deficiência, indígenas, minorias étnicas, sem-terra, migrantes, pessoas LGBTQIA+, idosos e outros grupos marginalizados.

Em meio a essa sinergia de crises, está a crise climática. A ameaça representada pelas mudanças climáticas exige mudanças em nossos modos de vida. Um grande desafio está na chamada transição energética. A necessidade de um futuro de baixo carbono é crítica. E a cada dia ouvimos mais sobre o que veio a ser chamado de “energia limpa”. Mas essas energias são realmente limpas?

E A CADA DIA OUVIMOS MAIS SOBRE O QUE VEIO
A SER CHAMADO DE “ENERGIA LIMPA”.
MAS ESSAS ENERGIAS SÃO REALMENTE LIMPAS?

A extração e o beneficiamento de minerais para a produção de painéis solares, turbinas eólicas e baterias, por exemplo, causam impactos sociais e ambientais significativos, de modo que o conceito de “energia limpa” deve ser considerado uma contradição. A demanda por minerais só vai aumentar; segundo o relatório Minerais para a ação climática: a intensidade mineral da transição de energia limpa, lançado pelo Banco Mundial em maio de 2020, “grandes aumentos relativos na demanda de até quase 500% são estimados para certos minerais, especialmente aqueles concentrados em tecnologias de armazenamento de energia, como lítio, grafite e cobalto”. Este relatório também mostra que, para alcançar um futuro abaixo de 2°C, “a energia solar fotovoltaica representará a maior parte da demanda de alumínio das tecnologias de energia (87%), enquanto a energia eólica e a geotérmica representarão a maior parte da demanda de zinco e titânio, com 98% e 64%, respectivamente. A energia solar fotovoltaica e a eólica, combina-

das, representam 74,2% de toda a demanda de cobre, enquanto o armazenamento de bateria responde por toda a demanda de grafite e lítio nesta análise”.

De fato, a solução proposta para um futuro de baixo carbono limita o debate sobre a crise climática a uma simples substituição de fontes de energia. Coloca o setor de mineração na ponta da solução. Para isso, foi criada uma nova narrativa de “mineração climaticamente inteligente”. O Banco Mundial lançou a *Iniciativa de mineração climaticamente inteligente*⁷ a fim de garantir que os minerais para a transição em direção à energia limpa sejam produzidos e fornecidos de forma sustentável e responsável. Para Riccardo Puliti, Diretor Global de Energia e Indústrias Extrativas no Banco Mundial, a ideia é “tornar possível a transição para as energias limpas sem pôr em perigo o clima e o ambiente. Trabalhando juntos para reduzir as

7 Cf. <https://pubdocs.worldbank.org/en/961711588875536384/Minerals-for-Climate-Action-The-Mineral-Intensity-of-the-Clean-Energy-Transition.pdf>.

pegadas de carbono e de materiais dos minerais, podemos apoiar a implantação em larga escala de tecnologias de energia renovável e armazenamento de baterias necessárias para atingir metas climáticas ambiciosas e alcançar um futuro de baixo carbono que beneficie a todos”.

O SETOR MINERAL
INSISTE NOS MITOS
DA MINERAÇÃO “VERDE”,
“SUSTENTÁVEL” E, AGORA,
“INTELIGENTE PARA O CLIMA”

O setor mineral insiste nos mitos da mineração “verde”, “sustentável” e, agora, “inteligente para o clima”. É uma estratégia para, por meio de um jogo de palavras, descrever a mineração, dando-lhe uma qualidade que a torne mais atraente para investidores e opinião pública. No entanto, a mineração sempre acarreta violência e violações de direitos humanos, sacrifícios ambientais e ecológicos, conflitos com e dentro das comunidades afetadas, exploração do trabalho e aprofundamento das desigualdades socioeconômicas.

As *commodities* para novas aplicações tecnológicas, como alguns minerais e terras raras,

ganham status de ativos estratégicos nos planos de desenvolvimento industrial e econômico de empresas e Estados. As possíveis interrupções dessas *commodities* na cadeia de suprimentos são definidas como críticas para a economia e a segurança de uma nação. Essas *commodities* minerais passaram a ser classificadas como minerais críticos. Nesse sentido, o conceito de criticidade dessas *commodities* de mineração é muito dinâmico, dependendo de sua escassez geológica, questões geopolíticas, instabilidades do país, políticas comerciais, círculos de mercado, altos custos de investimento, demanda consumista, entre outros fatores.

Por exemplo, no caso da Europa, grande parte das jazidas de extração desses chamados minerais críticos está localizada fora da União Europeia (UE). Por outro lado, há um número significativo de depósitos conhecidos desses materiais na UE. A Comissão Europeia, ciente das perspectivas de demanda e das vulnerabilidades de oferta, divulgou um *Plano de Ação sobre Matérias-Primas críticas*⁸ com

8 Cf. EUROPEAN COMMISSION. *Study on the EU's List of Critical Raw Materials Final Report 2020*. Brussels: Belgium,

uma nova lista de matérias-primas críticas (2020), mostrando que agora 30 materiais são críticos, um número crescente em relação aos 14 listados em 2011, aos 20 em 2014 e aos 27 em 2017. Todos eles são importantes para a economia da UE.

Apresentado em 3 de setembro de 2020, esse *Plano de Ação da Comissão Europeia sobre Matérias-Primas Críticas* altera sua política de matérias-primas. O plano se concentra diretamente nos bens comuns, ou nos chamados recursos naturais, como os minerais. Incentiva a implementação de projetos de mineração em países da Europa e do Sul global. Apresentado como resposta à crise climática, ele quer garantir matérias-primas. Sua finalidade é atender à demanda por novas tecnologias, ditas sustentáveis, necessárias para que a União Europeia (UE) faça suas transições verdes e digitais. Em 30 de setembro, a CE, olhando para seus interesses econômicos, lançou uma aliança industrial. O objetivo da aliança é dar “autonomia estratégica”

2020. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/ip_20_1542. Cf. também: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0474&form=EN>.

às chamadas matérias-primas críticas, como as terras raras.

O ataque das atividades extrativistas aos bens comuns continua acelerando o processo de saque das populações em seus territórios e causando grande depredação do sistema-vida do planeta.

Para entender melhor a questão da insustentabilidade da mineração, é importante entendê-la no âmbito da economia extrativa. O extrativismo é um modo de acumulação de capital baseado na profunda exploração destrutiva e privada dos bens comuns. Esses bens comuns são geralmente chamados de recursos naturais, sob uma perspectiva utilitária e de interesse econômico. O extrativismo baseia-se em modos insustentáveis de consumo, com demanda cada vez maior por bens.

No caso da mineração, o Estado e o setor empresarial privado se complementam e se fortalecem. Além disso, instituições financeiras e bancos internacionais estão envolvidos no financiamento e fomento de tecnologia, indústria, logística, mercados etc. Populações locais são expropriadas. No Brasil, por exemplo, essa relação está sob a hegemonia do setor de mineração, que captura

e submete o Estado aos seus interesses. O resultado é uma arquitetura política na qual as instituições e a legislação do Estado servem para moldar os resultados em benefício do setor de mineração.

As principais atividades extrativistas são muitas vezes realizadas sem consulta às comunidades afetadas ou o consentimento delas. A extração em grande escala destrói modos de vida e produção anteriormente existentes nos territórios, deixando as pessoas privadas de terra e água, bem como de seus meios de subsistência. É um setor econômico que se baseia em modos de consumo insustentáveis, com crescente demanda por bens comuns.

**A REALIDADE DA
MINERAÇÃO REVELA QUE
A VIOLÊNCIA
É UMA CONDIÇÃO
NECESSÁRIA.**

A realidade da mineração revela que a violência é uma condição necessária. As mineradoras são responsáveis por enormes sacrifícios humanos e ecológicos em todos os continentes. O setor de mineração viola os direitos

humanos, induz e estimula conflitos nas comunidades afetadas, explora os trabalhadores das minas, aprofunda as desigualdades socioeconômicas, além de extrair riquezas e deixar destruição, contaminação e impactos negativos nos territórios. Paradoxalmente, muitas áreas ricas em minerais e metais também são extremamente pobres.

O setor de mineração sempre desconsidera as populações dos territórios que explora, coloca suas vidas em risco, age de forma criminosa com as pessoas e o meio ambiente. Viver em risco permanente é o que a realidade da mineração nos revela.

Se, por um lado, nos territórios, os meios de subsistência são fonte de subsistência, renda, identidade e cultura, esses meios de subsistência estão sendo ameaçados não apenas pela própria extração, mas por toda uma cadeia empresarial ligada à mineração. Essa cadeia de negócios começa na própria área da mina, com os processos de mineração realizados no local, e se estende espacialmente por meio de uma enorme infraestrutura. São diferentes formas de transporte, como rodovias, ferrovias, dutos, além de portos, terminais logísticos, plantas in-

dustriais (siderúrgicas e petroquímicas), hidrelétricas e obras de captação de água. Energia e água também são essenciais para as operações de mineração. Os impactos da mineração destroem territórios e territorialidades, muito além das minas. Perante essa realidade, é difícil convencer que estamos numa transição para energias limpas. Instituições financeiras internacionais, grandes corporações e bancos de investimento possuem natureza “financeirizada”.

O futuro de baixo carbono proposto com base em mais mineração levará a mais extração. Quando olhamos para a distribuição desses minerais ao redor do mundo, vemos que eles estão localizados principalmente em países de baixa e média renda. Por exemplo, é nessas regiões que se encontram 93% das reservas de terras raras, 83% de manganês, 69% de cobalto e 66% de bauxita. E será nesses países que os impactos e conflitos estarão concentrados.

Os novos níveis de extração de alguns minerais e metais, e a velocidade com que tais projetos serão implementados, tendem a aumentar significativamente o número e a intensidade dos conflitos territoriais. No chama-

do triângulo do lítio, formado pelas salinas de Bolívia, Chile e Argentina, a extração já gerou escassez de água⁹.

Falar em transição energética sem questionar a intensidade do consumo global de energia, principalmente nos países ricos, é uma falsa solução. Estudos indicam que, considerando o horizonte de 2050, se simplesmente mantivermos o mesmo padrão de consumo de energia e apenas substituirmos as fontes de energia, não haverá reservas suficientes de cobalto, lítio ou níquel para atender à demanda. As avaliações da extração atual e potencial de minerais críticos no Sul global indicam uma série de conflitos em curso e o provável crescimento de disputas por água, de impactos como o desmatamento, de pressão sobre terras indígenas, de conflitos em diversos territórios¹⁰.

No Brasil, os conflitos de mineração ensinam que a vida nos territórios deve ser levada em conta. Em especial, o viés socioambiental contra o avanço da mineração

9 Cf. <https://www.ocmal.org/wp-content/uploads/2018/08/Impacto-Socioambiental-Litio.pdf>.

10 Cf. https://miningwatch.ca/sites/default/files/informe_mapeoderesis-tencias.pdf.

destaca o território como espaço de resistência e também como lugar de ressignificação e criação de novas relações sociais, econômicas e ambientais. Assim, movimentos sociais e comunidades atingidas pela mineração lutam para estabelecer critérios que definam “Territórios livres de mineração”¹¹, considerando cinco questões:

- questionar o controle desigual sobre os bens comuns e a injustiça ambiental que estrutura a expansão mineral;
- defender e propor soluções verdadeiras, que preservem a biodiversidade e gerem benefícios sociais e econômicos, direta ou indiretamente, para toda a sociedade;
- exercer uma prática política de autonomia e solidariedade;
- exigir uma transição justa e uma restituição integral por violações e impactos socioambientais. Responsabilizar corporações e governos por crimes contra pessoas e o meio ambiente. Pagar multa não é suficiente;
- garantir, enquanto luta urgente, a intervenção direta da sociedade organizada para

lutar pelo estabelecimento do “Direito de Dizer Não”.

NO CAMPO DA
TRANSIÇÃO ENERGÉTICA,
O QUE ESTÁ SENDO
PROPOSTO COMO
ENERGIA LIMPA
IMPLICA
MAIS MINERAÇÃO.

Ao final desta breve reflexão, uma coisa se constata: ainda estamos insistindo em caminhos não sustentáveis para enfrentar a crise climática. No campo da transição energética, o que está sendo proposto como energia limpa implica mais mineração. A própria extração mineira e o processamento de matérias-primas é um negócio sujo, responsável por violações de direitos humanos e destruição ambiental. É crucial chamar a atenção para a realidade do extrativismo mineral e considerar a necessidade de discutir uma transição energética justa, dentro da perspectiva da justiça ambiental.

11 Cf. <https://territorioslivres.org/o-que-sao-territorios-livres/>.

O PAPA FRANCISCO, UM IRMÃO DOS POVOS INDÍGENAS

Frei Fábio Vasconcelos, OFM¹²

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco tem se mostrado, em gestos e palavras, um autêntico construtor de pontes. A inspiração fraterna do nome do Pobrezinho de Assis leva o pontífice a buscar sempre mais ser um irmão universal. Atento ao grito da terra e dos povos, Francisco busca cada vez mais ouvir e dialogar com populações indígenas de diversas partes do mundo. O bispo de Roma reconhece e promove o valor da sabedoria contida nas culturas originárias. Neste texto, partiremos dos gritos da realidade indígena brasileira; em seguida, apresentaremos os gestos do Papa Francisco e os caminhos de uma conversão eclesial, contidos na recente peregrinação ao Canadá. O que apresentamos são apenas pontos para instigar nossa reflexão teológica e pastoral em vista da construção, com a graça divina, de uma Igreja de rosto e gestos sempre novos.

12 Licenciado em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco de Manaus (AM). Acadêmico de Teologia do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis (RJ). Frade da Custódia São Benedito da Amazônia.

1. O GRITO DOS POVOS ORIGINÁRIOS: UM CLAMOR QUE BRADA AO CÉU (QA, 9)

A realidade das populações autóctones, em muitas partes do mundo, é marcada ainda hoje pelas marcas do colonialismo. Povos indígenas seguem resistindo às forças genocidas e etnocidas que querem roubar seus direitos e apagar sua cultura. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) anualmente apresenta um relato sobre as violências que esses grupos sofrem no Brasil. Os dados elencados pelo CIMI apontam para um lastro de extermínio que se lança sobre indivíduos e comunidades inteiras dos povos tradicionais (CIMI, 2020).

Na contrapartida aos sinais desta realidade de sofrimento, vemos posicionamentos proféticos no âmbito eclesial. Dom Roque, na apresentação do relatório, indicamos algumas atitudes relevantes do Papa Francisco para com os indígenas, entre elas o sínodo para a Amazônia (realizado em 2019) e os fundamentos éticos

dados em *Querida Amazônia*. Esse caminho sempre novo da Igreja, e sua preocupação com os que são marginalizados, é representado pela figura da Igreja em saída, samaritana, que sabe escutar. Herdeira da tradicional leitura dos sinais dos tempos, ela pode se posicionar diante da dura realidade que essas populações e que o planeta enfrentam.

Ainda em nosso tempo, esses povos são explorados por formas atuais de discriminação e violência. A exortação pós-sinodal *Querida Amazônia* profeticamente abraça e reforça a opção eclesial pela causa indígena. Como postura evangélica, precisamos nos indignar diante de longos processos de colonialismo e desenraizamento que sofrem os povos indígenas. As ameaças que eles sofrem buscam ser silenciadas com o extermínio de seus líderes e aliados. Essas diversas formas de opressão de todos os pequenos da Amazônia são, certamente, como afirma o Papa Francisco, “Um clamor que brada ao céu” (QA, 9).

ESSAS DIVERSAS FORMAS DE OPRESSÃO DE TODOS OS
PEQUENOS DA AMAZÔNIA SÃO, CERTAMENTE,
COMO AFIRMA O PAPA FRANCISCO,
“UM CLAMOR QUE BRADA AO CÉU” (QA, 9).

2. OS SONHOS DO XAMÃ FRANCISCO

O conceito de “ecologia integral”, adotado e exposto na encíclica *Laudato Si'*, mostra que o ser humano e a terra devem viver em harmonia. Uma militância ecológica que preserve o planeta e as pessoas. Assim, o Papa indica que o cuidado com a Terra e com as populações é essencial, e que os povos tradicionais, em sua maioria, são nossos mestres. Essas populações lutam para preservar valores e sabedorias que aos poucos vão sendo esquecidos. O desenraizamento sobrevém aos indígenas e às suas terras.

Recordamos que, em *Laudato Si'*, Francisco assim se refere aos autóctones: “[...] para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor deles cuida” (FRANCISCO, 2015). E, no mesmo documento, afirma ainda o valor do lugar de origem para essas populações (cf. LS, 179).

O sonho de Francisco é grande e fiel ao projeto do Reino. A região

para a qual os olhos de cobiça se voltam mordazmente também desperta um olhar cuidadoso. A exortação pós-sinodal *Querida Amazônia* é a nova carta de princípios sobre a atuação da Igreja na Amazônia, na esteira dos ventos novos do Vaticano II, de Medellín e do documento de Santarém. Vale ressaltar que alguns gestos precederam e embasaram o escrito, e precisamos recordá-los: lançamento do Sínodo com o encontro em Puerto Maldonado (2018); escutas sinodais articuladas pela REPAM em diversas partes da Pan-Amazônia; consagração do sínodo a São Francisco. Foram gestos de uma Igreja aberta ao diálogo, que trata os indígenas como interlocutores e filhos e filhas amados.

Em *Querida Amazônia*, a Igreja é impulsionada a acolher seu rosto amazônico. A empenhar-se na luta contra as injustiças e crimes do espírito do colonialismo e suas novas roupagens. É uma Igreja que reconhece seus erros e acertos diante do mistério e da realidade indígena. Está atenta e fraternalmente atuante nos processos migratórios e nas novas ameaças aos indígenas. Manifesta ainda o respeito pela cultura indígena e pelos povos

em isolamento voluntário. A interculturalidade é outra marca do documento, aludindo a uma alteridade de culturas que podem se encontrar e conviver em paz.

3. CONVERSÃO INTEGRAL E A PEREGRINAÇÃO PENITENCIAL AO CANADÁ

“Caminhar juntos” foi o tema da viagem apostólica do Papa Francisco ao Canadá, que aconteceu de 24 a 30 de julho de 2022. O Papa definiu essa viagem como peregrinação penitencial pelos desastres colonialistas sobre os povos indígenas canadenses nos colégios católicos. Essa proximidade pessoal, de “quem exprime pessoalmente seu pesar”, foi o desejo do Papa. Ele reconhece o mal cometido por cristãos contra as populações indígenas. Francisco mostra como aquele que quer caminhar junto, em passos novos de justiça, reconciliação e cura, é uma demonstração de uma Igreja que busca acertar o passo, e não repetir erros.

A evangelização, confundida com a imposição cultural, é uma mentalidade que pode ainda hoje ser uma tentação dos evangelizadores. Francisco afirma que devemos seguir a dinâmica do Evangelho, que se faz simples e humilde caminhando junto, e

fazer memória. Assim, o Bispo de Roma expressou a intenção da sua presença: “estou aqui a recordar o passado, chorar convosco, contemplar em silêncio a terra, rezar junto das sepulturas”.

A proposta de Francisco dá como marcas do caminho a escuta, o diálogo e o encontro frente aos outros. Muitos elementos da sabedoria ancestral dos indígenas são verdadeiras formas de vida evangélica. Essa viagem é um tipo de *Kyrie*, um pedido ao Senhor para que nos perdoe e faça caminhar juntos; assim, Francisco nos leva a recordar o que Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra escreveram na *Missa da Terra sem Males*: “Memória, Remorso, Compromisso!”

A PROPOSTA DE FRANCISCO DÁ COMO MARCAS DO CAMINHO A ESCUTA, O DIÁLOGO E O ENCONTRO FRENTE AOS OUTROS.

4. PERCURSOS E PERCUSSÕES DE INTERCULTURALIDADE

Intitulamos esta parte “percurso e percussões” para recordar ainda que a peregrinação ao Canadá apontou a caminhos e fez ecoarem sons de uma interculturalidade crítica e decolonial. O

Papa nos convida então a ouvir e caminhar como Igreja em saída, em diálogo com a realidade indígena.

O teólogo Andrea Grillo (2022) apresenta a viagem ao Canadá não somente como um percurso penitencial, mas também como um caminho teológico. A viagem de Francisco é vista por Grillo como um ato teológico, pois anuncia uma mensagem sobre Deus e sobre o caminho que a Igreja deve percorrer. Nesse percurso do Papa, somos todos e todas convocados a viajar juntos.

Os sons dos “tambores da interculturalidade” foram ouvidos em diversos momentos da peregrinação; Francisco usou ornamentos indígenas, estola com elementos culturais dos povos, reverenciou as lideranças nativas, além de outros gestos significativos. Algumas outras vezes, como na visita aos bispos do Regional Norte 1 da CNBB, o Papa Francisco acolheu com muita felicidade elementos culturais de povos originários. Essa acolhida é, de fato, expressão de uma Igreja que caminha junto para inculturar-se. Ao revestir-se dos trajes indígenas, apresenta-nos uma metáfora do revestir-se de Cristo para aprender a ser irmão. Um batismo que reveste

para o encontro e a interculturalidade.

No encontro com os indígenas membros de uma comunidade paroquial, Francisco fez a seguinte oração: “Ó Jesus, crucificado e ressuscitado, que habitais neste povo, que é vosso; Senhor, que desejais resplandecer através das nossas comunidades e das nossas culturas; Jesus, tomai-nos pela mão e, mesmo nos desertos da história, guiai os nossos passos pelo caminho da reconciliação. Amém”. Nessa prece, o Pontífice afirma mais uma vez o valor presente em cada identidade cultural e a beleza da inculturação do Evangelho. Sobretudo, do percurso de memória e penitência nasce a esperança no caminho com os povos indígenas, com atenção às suas culturas originárias.

5. CANTA E CAMINHA IRMANANDO OS POVOS – CONSIDERAÇÕES FINAIS

INCOMPATÍVEL, NA CABEÇA
DE CERTOS CRISTÃOS,
É VER O PAPA SENDO
ABENÇOADO POR UMA
MULHER, E UMA INDÍGENA.

O Papa Francisco, desde o começo de seu pontificado, abriu

as portas do Vaticano e se encontrou diversas vezes com líderes indígenas. Lembramos seu encontro com o cacique Raoni (27/05/2019) e a expressiva relação de povos originários no Sínodo Amazônico. Entre eles, ressaltamos um fato de 2017 que chama nossa atenção: trata-se de uma foto de Francisco inclinando-se para receber a oração (bênção) de uma mulher mapuche. Ela, com seus trajes culturais multicoloridos, toca a cabeça do Papa. Essa cena foi muito criticada por grupos conservadores. Incompatível, na cabeça de certos cristãos, é ver o Papa sendo abençoado por uma mulher, e uma indígena. O mesmo preconceito foi ferozmente lançado sobre os eventos do Sínodo, em que a cultura indígena foi mais uma vez hostilizada. Essas situações mostram a conversão que ainda precisamos fazer. Nesse caminhar juntos na alteridade com os povos indígenas, Francisco nos inspira.

A realidade indígena é um grito forte da Amazônia, mas também de outras partes do mundo, ao qual a Igreja não deve se fazer indiferente. São como tantos gritos de marginalizados que Jesus escutou nas estradas da Palestina. Essas dores são o pranto

dos filhos de Deus, ameaçados pela opressão que faz do seu lugar de origem uma terra de escravidão. E, por sua vez, o Papa (2020) nos diz: para nós, “o grito da Amazônia ao Criador é semelhante ao grito do Povo de Deus no Egito” (cf. Ex 3,7). Portanto, em gestos e palavras, o Papa Francisco se faz verdadeiro irmão dos indígenas.

A REALIDADE INDÍGENA
É UM GRITO FORTE
DA AMAZÔNIA,
MAS TAMBÉM DE OUTRAS
PARTES DO MUNDO,
AO QUAL A IGREJA
NÃO DEVE SE FAZER
INDIFERENTE.

REFERÊNCIAS

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. *Missa da Terra sem Males*. Disponível em: <https://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/terra.htm>. Acesso em: 4 ago. 2022.

CONSELHO INDIGENÍSTA MISSIONÁRIO. *Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*. Dados de 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2019-cimi.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GRILLO, Andrea. *L'esempio del papa in Canada: percorsi penitenziali anche per i teologi?* Disponível em: <https://www.cittadellaeditrice.com/munera/leempio-del-papa-in-canada-percorsi-penitenziali-anche-per-i-teologi/>. Acesso em: 3 ago. 2022

FRANCISCO, Papa. *Querida Amazônia. A Santa Sé, 2020.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esort_azione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 12 mar. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'. Sobre o cuidado da Casa Comum. A Santa Sé, 2015.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 12 mar. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discursos da viagem apostólica ao Canadá. A Santa Sé.* Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2022/outside/documents/canada-2022.html>. Acesso em: 3 ago. 2022.

A AVENTURA DE FREI JOÃO DE PIAN DEL CÁRPINE RUMO AOS TÁRTAROS MONGÓIS

Frei Hilton Farias de Souza, OFM

INTRODUÇÃO

Este texto quer se ocupar de João de Pian del Cárpine, figura importante do franciscanismo, ainda próximo a Francisco de Assis, e que teve um papel fundamental na divulgação e “implantação da novidade minorítica”, sobretudo através da via do Oriente.

Um marco importante, nesse sentido, foi com certeza o Capítulo das Esteiras de 1221, em que se tomou uma decisão importante: enviar uma missão organizada à Alemanha; e João de Pian del Cárpine fazia parte deste grupo de pioneiros.

O texto seguirá três etapas: a primeira será a tentativa de reconstruir a figura de João de Pian del Cárpine, partindo do seu dinamismo missionário em terras alemãs, por meio da narração do cronista Jordano de Jano.

A segunda deverá acompanhá-lo na sua função como legado pontifício em meio aos tártaros mongóis, “missão” difícil, mas que contribuirá futuramente para a entrada dos frades no Oriente.

A última será dedicada a sua obra “*Historia Mongalorum*”, importante para se conhecer a estrada para o Oriente, ainda desconhecida do mundo europeu ocidental da época.

Finalizando com uma conclusão, que colherá alguns elementos deste caminho de um melhor conhecimento e enriquecimento da figura de um frade da primeira geração franciscana, que provavelmente havia conhecido Francisco de Assis.

1. A FIGURA DE JOÃO DE PIAN DEL CÁRPINE

1.1 Quem foi João de Pian del Cárpine?

As informações acerca de Frei João são poucas, sobretudo antes do seu envio em missão à Alemanha, em 1221. A partir dessa data, temos alguns elementos importantes documentados nas Crônicas dos frades Jordano de Jano e Salimbene de Adam.

João nasceu em Pian del Cárpine (Magione), na região de Perugia, provavelmente em torno a 1190, e foi um dos primeiros companheiros de Francisco de Assis¹³.

1.2 Missionário em terra alemã

No final do Capítulo das Esteiras, celebrado a 23 de maio de 1221,

em Assis, uma decisão importante foi tomada por iniciativa de Francisco¹⁴: o envio à Alemanha de um grupo de 90 frades para difundir a Ordem, uma vez que a primeira tentativa, entre os anos de 1217 a 1219, havia sido um fracasso, sobretudo pela falta de frades que conhecessem a língua local. Nessa decisão tomada pelo capítulo, levava-se em conta o elemento importante da “qualificação” de alguns frades para o bom êxito da missão em terra alemã; assim, passava-se de uma “fase de improvisação” a uma “fase de estruturação”: “O primeiro ministro da Alemanha foi Frei Cesário, que, preocupado com que fosse cumprida com proveito a obediência que lhe foi imposta, tomou consigo os irmãos João de Pian del Cárpine, pregador em latim e lombardo; o alemão Barnabé, egrégio pregador em lombardo e alemão; e Frei Tomás de Celano, que depois escreveu tanto a primeira quanto a segunda legenda de São Francisco [...]”¹⁵. Esse grupo de frades escolhidos e liderados por Cesário de Espira empreendeu

13 Cf. MENESTÒ, E. Giovanni di Pian di Carpine: Da compagno di Francesco a diplomatico presso i tartari. In: *Giovanni Di Pian Di Carpine, Storia dei mongoli*. A cura di E. Menestò e A. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'alto Medioevo, 1989, p. 50.

14 Cf. Crônica de Jordano de Jano. In: *Fontes Franciscanas*. Tradução: Celso Márcio Teixeira et alii. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 1271-1272, n. 17. [Daqui para a frente: JJ].

15 JJ, p. 1273-1274, n. 19.

o caminho em direção à Alemanha. No dia 16 de outubro de 1221, foi celebrado o primeiro capítulo, e Cesário de Espira enviou os frades para diversas regiões. Foi nesse capítulo que os frades João de Pian del Cárpine e Barnabé foram enviados como pregadores a Würzburg¹⁶. Os dois prosseguiram a pregação penitencial, levando o Evangelho a outras regiões, como Mainz, Worms, Espira, Estrasburgo e Colônia, mas ao mesmo tempo preparavam o caminho para a chegada de outros frades¹⁷.

Em 1223, no capítulo provincial de Espira, Alberto da Pisa, sucessor de Cesário no governo provincial da Alemanha, nomeava João de Pian del Cárpine custódio da Saxônia¹⁸. À frente deste trabalho, João de Pian del Cárpine enviava frades para diversas regiões, como Hildesheim, Magdeburgo, Halberstadt¹⁹, no sentido de uma verdadeira “*ordinem dilatans*”. No capítulo provincial de 1224, em Würzburg, foi dispensado do seu encargo como custódio e

transferido a Colônia²⁰. Em 1228, o ministro geral, Frei João Parenti, nomeava-o ministro provincial da Alemanha²¹; nesse período, Frei João enviou frades para Boêmia, Hungria, Polônia, Dácia e Noruega, Metz e Lotaríngia²². O próprio Jordano de Jano, na sua crônica, quando fala do papel desempenhado por Frei João de Pian del Cárpine nessas regiões, elogia a dedicação e o zelo para com a Ordem; sobretudo em sua defesa da Ordem, enfrentando bispos e príncipes²³.

Em 1230, depois de participar do último capítulo provincial na Alemanha, Frei João de Pian del Cárpine partiu para o Capítulo geral na Itália; nesse mesmo capítulo, ele foi exonerado do seu cargo, foi enviado à Espanha como ministro provincial, e a administração da Alemanha foi dividida em duas: Reno e Saxônia²⁴.

“Concluída a sua tarefa, em 1232, João de Pian del Cárpine volta para a Alemanha como ministro da nova província minorítica da Saxônia e de novo se

16 Cf. *JJ*, p. 1276, n. 23.

17 Cf. *JJ*, p. 1276, n. 23.

18 Cf. *JJ*, p. 1279, n. 33.

19 Cf. *JJ*, p. 1280, n. 36.

20 Cf. *JJ*, p. 1280, n. 37.

21 Cf. *JJ*, p. 1287, n. 54.

22 Cf. *JJ*, p. 1288, n. 55.

23 Cf. *JJ*, p. 1288; n. 55.

24 Cf. *JJ*, p. 1288, n. 57.

põe à obra: ele é o idealizador e animador da entrada dos Frades Menores nas regiões da Europa oriental (Hungria, Boêmia e Polônia) e nas setentrionais da Dinamarca e Noruega”²⁵.

A entrada dos Frades Menores em muitos países, com o escopo da “*implatatio Ordinis*”, deve-se em grande parte a uma importante teia de relações com famílias de reis e nobres influentes, facilitando, de uma forma ou de outra, o estabelecimento dos frades, como no caso da Boêmia, da Polônia e da Cracóvia.²⁶

Frei João de Pian del Cárpine, sem sombra de dúvidas, nesse momento importante da história franciscana, soube, com os meios de que dispunha, intuir que a Ordem deveria se expandir, ou seja, não podia restringir-se à região da Alemanha, mas deveria ousar enveredar rumo ao Oriente. Com a sua capacidade de frade bem preparado intelectualmente – “Este Frei João era um homem fraterno e espiritual, literato e grande orador, e perito

em muitas coisas; e, uma vez, fora ministro provincial na Ordem”²⁷ –, conhecia diversos países e havia estabelecido diversas relações políticas e organizativas. Criava, assim, um forte elo em direção ao “desconhecido” e “temido” mundo oriental.

“ESTE FREI JOÃO ERA UM
HOMEM FRATERO
E ESPIRITUAL, LITERATO E
GRANDE ORADOR, E PERITO
EM MUITAS COISAS;

2. FREI JOÃO DE PIAN DEL CÁRPINE E O SEU CAMINHO ATRAVÉS DO ORIENTE

2.1 Embaixador do Papa

Em março de 1245, seis anos depois do fim do seu provincialado na Saxônia, nós o encontramos em Lyon, na cúria de Inocêncio IV, que lhe entrega cartas para o grande Khan dos tártaros. O avanço da tropa mongol ameaçava a Europa ocidental: para pará-la, Gregório IX em seu tempo tinha convocado uma cruzada – os Frades Menores da Alemanha tinham sido encarregados da pregação daquela cruzada. Bloqueada militarmente

25 PELLEGRINI, L. I quadri e i tempi dell'espansione dell'ordine. In: Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana. Torino: Einaudi, 1997. p. 185.

26 Cf. PELLEGRINI. Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana, p. 187.

27 SALIMBENE DE ADAM. Cronaca. 1987. p. 288, n. 866.

te a tropa mongol, até mesmo pela morte do Khan Ogödei, para prevenir novas tentativas, agora se recorria à via diplomática²⁸.

[...] DOIS OBJETIVOS:
DISSUADIR OS TÁRTAROS
MONGÓIS DE FUTURAS DE-
VASTAÇÕES E TENTAR O
CAMINHO DA CONVERSÃO
DESTES À FÉ CRISTÃ.

Essa missão diplomática tinha dois objetivos: dissuadir os tártaros mongóis de futuras devastações e tentar o caminho da conversão destes à fé cristã.

Com certeza, Inocêncio IV conhecia o *curriculum vitae* de Frei João, para confiar-lhe uma “missão” diplomática ao Oriente; uma viagem longa e cansativa para um homem já idoso.

“João, certamente munido de muitas credenciais e recomendado pelo papa aos patriarcas, aos arcebispos e aos bispos do Oriente, também àqueles que não tinham comunhão com a Igreja de Roma, partia de Lyon no domingo de Páscoa de 1245”²⁹.

28 PELLEGRINI. *Francesco d’Assisi e il primo secolo di storia francescana*, p.191-192.

29 MENESTÒ. *Giovanni di Pian di Carpine: Da compagno di Francesco*, p. 56.

Frei João partia às vésperas do I Concílio de Lyon, que se ocupava da segurança e proteção da cristandade, ameaçada por uma iminente invasão mongólica; por isso, era preciso encontrar uma solução eficaz para evitar o “inimigo” ainda desconhecido do Ocidente cristão. No Concílio, Inocêncio IV convocava todos os cristãos a se protegerem de possíveis invasões, inclusive construindo fortalezas. Diante de invasões já efetuadas pelos mongóis na Polônia, Rússia e Hungria, o medo tomava conta agora do coração do Ocidente³⁰.

30 Concilium Lugdnuense I-1245, Dehoniane Bologna. In: *Conciliorum oecumenicorum decreta*. Bologna, 2002. p. 297. Constitutio 4: De Tartaris. “Na verdade, o povo ímpio dos Tártaros, desejando subjugar a si, ou melhor, destruir o povo cristão, tendo reunido já algum tempo as forças de suas nações e tendo entrado na Polônia, na Rússia, na Hungria e em outras regiões dos cristãos, castigou-as tão devastadoramente que, não poupando sua espada, nem idade, nem sexo, mas enfurecendo-se com horrível crueldade indiferentemente contra todos, devastava-as com inaudito extermínio; e submete a si, progressivamente, com incessante perseguição os reinos de outros, não sabendo a mesma espada descansar na bainha, de modo que, invadindo subsequentemente os exércitos cristãos mais fortes em força, possa exercer mais plenamente contra eles sua crueldade; e assim, privado o mundo dos fiéis – que Deus nos livre –, a fé se desvie enquanto chorariam os cul-

2.2 A aventura em direção ao Oriente

Da cidade de Lyon, Frei João inicia a sua longa viagem, que registrará na sua *Historia Mongalorum*. Na Polônia, junta-se a ele um frade de nome Benedito, que, conhecendo a língua dos mongóis, será o intérprete nas negociações.

As fases sucessivas de sua viagem o levam às cortes de Boêmia, Silesia e Cracóvia. Na Cracóvia, Frei João entra em contato com os príncipes locais, que o ajudarão nas suas mediações diplomáticas junto à Rússia (Vladimir). Seguindo o seu itinerário através da Polônia, penetra na Rússia e tenta um caminho de unidade com a Igreja-mãe, mediado pelo poder político de Cracóvia e da parte russa³¹.

De Vladimir, sob a proteção de um “soldado”, pois ainda havia medo das invasões dos mongóis, que já haviam devastado grandes territórios da Rússia em 1240, Frei João chegou a Kiev, grande centro de mercadores

tores dela submetidos pela ferocidade desta mesma gente.”

31 Cf. IOHANNES DE PLANO CARPINI. *Historia Mongalorum*. A cura di E. Menestò e. A. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1989. p. 304, c. 9.

provenientes de diversas partes do mundo³².

Ele continuou sua viagem, estabelecendo uma rede de relações com pessoas que encontrava ao longo do árduo caminho e tendo que adaptar-se aos costumes e às estruturas práticas, como cavalos resistentes adaptados para cavalgar na neve.³³ Prosseguindo sua aventura, ia descortinando à sua frente um mundo totalmente novo e diverso do mundo europeu ocidental.

“Abriam-se diante dele regiões até então inexploradas, movia-se ali no meio de populações muito diferentes pelas tradições culturais e religiosas em relação àquela realidade tão recortada e heterogênea que havia no mundo ocidental de alguma maneira unificada por tradições comuns e referências culturais, sociais, institucionais. O bom frade menor ia decididamente ao encontro dos terríveis exércitos dos tártaros”³⁴.

32 Cf. PELLEGRINI. Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana, p. 193.

33 Cf. *Historia Mongalorum*, p. 304-305, c. 9.

34 PELLEGRINI. Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana, p. 193.

2.3 Encontro com os “tártaros mongóis”

Quando Frei João e o seu companheiro chegaram ao primeiro posto de guarda dos tártaros, foram recebidos por homens armados, que se precipitaram sobre eles, ameaçando-os e interrogando-os acerca de suas identidades. Os chefes deste posto de guarda queriam obter informações precisas sobre o objetivo da presença dos dois estranhos naquela região; Frei João responde através de seu intérprete e confrade Benedito:

Respondemos-lhes que éramos núncios do senhor papa, que era senhor e pai dos cristãos, o qual nos mandava por este motivo tanto ao rei como aos príncipes e a todos os tártaros, porque queria que todos os cristãos fossem amigos dos tártaros e tivessem paz com eles, além disso, desejava que fossem grandes junto a Deus no céu. Por isso, o senhor papa os admoestava, tanto por meio de nós, como pela sua carta, que eles se tornassem cristãos e recebessem a fé em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo, porque de outra maneira não poderiam ser salvos; mandava [dizer], além disso, que se admirava de tão grande matança de homens, especialmente dos

cristãos, principalmente dos húngaros, dos morávios, dos poloneses que lhe são súditos. Matança que tinha sido feita pelos tártaros, uma vez que eles não os tinham atacado, nem tivessem tentado atacá-los; e porque o Senhor Deus havia sido gravemente ofendido por causa disto, admoestava-os que doravante evitassem tais coisas e fizessem penitência dos atos cometidos. Dissemos ainda que o senhor papa rogava que lhe escrevessem o que doravante quisessem fazer e qual era a intenção deles e o que lhe responderiam por meio de suas cartas sobre todas as coisas supraditas.³⁵

Os dois frades, depois de haver expresso o motivo da empresa que os havia conduzido até aquelas terras, prosseguiram caminho, negociando em troca de peles a alimentação básica, a sobrevivência do frio e a mudança dos cavalos cansados³⁶, que deveria ocorrer em diversas fases do percurso.

O próximo posto de parada foi o acampamento de Batu, sobrinho de Gengis Khan, conquistador da Rússia; Batu os fez prosse-

³⁵ *Historia Mongalorum*, p. 306-307, c. 8.

³⁶ *Historia Mongalorum*, p. 309, c. 12.

guiem a sua viagem até a meta final, Qaraqorum, na Mongólia, onde estava reunida a assembleia dos príncipes mongóis para a eleição do novo soberano (qaghan)³⁷. Depois de muito esperar e, em meio a um minucioso protocolo imperial, Frei João pôde encontrar o imperador dos tártaros mongóis e saber qual era a sua resposta para o pontífice. É interessante a insistência do chanceler e escrivão imperial de que a carta, para ser entregue ao pontífice, fosse traduzida fielmente, sem correr o risco de que a mensagem do grande Khan fosse mal interpretada³⁸. Quando terminaram de redigir o texto, finalmente Frei João conseguiu se encontrar com o imperador e pôde retomar a longa estrada com a resposta para o Papa.

37 Cf. L. PETECH. I francescani nell'Asia centrale e orientale nel XIII e XIV secolo. In: *Espansione del francescanesimo tra ocidente e oriente nel secolo XIII*. SISF, Atti del VI Convegno internazionale, Assisi, 12-14 ottobre 1978, p.219-220.

38 Cf. *Historia Mongalorum*, p. 325-326, c. 9.

2.4 “Falimento” da missão diplomática

Todo um esforço que não conduzia a grandes mudanças, uma vez que o imperador deixava expresso na sua carta que não haveria nenhum interesse de se tornar cristão; tampouco compreendia algumas posições dos cristãos em relação ao mundo “cultural dos tártaros mongóis”. Salimbene de Adam, em um encontro que teve com

[
TODO UM
ESFORÇO QUE
NÃO CONDUZIA
A GRANDES
MUDANÇAS...
]

Frei João, copiou a carta que o imperador enviara ao Papa Inocêncio IV, o que é muito importante para se compreender a posição do imperador dos tártaros mongóis:

A fortaleza de Deus, o imperador de todos os homens, manda ao grande papa esta carta totalmente autêntica e verdadeira. Obtido o conselho sobre o modo de ter paz entre nós e ti, papa, e todos os Cristãos, tu nos mandaste um embaixador teu, como percebemos de suas palavras e como resultou de tua carta. Se, portanto, tu, papa, e todos os reis e governantes desejais ter paz conosco, não demoreis de modo algum em vir a mim para

estabelecer a paz, e então ouvi-
reis a nossa resposta juntamente
com a nossa vontade. No texto
de tua carta é dito que nós deve-
mos ser batizados e tornar-nos
cristãos. Ao que respondemos,
com poucas palavras, que não
compreendemos exatamente
por que deveríamos fazê-lo.

Com relação a outro ponto de
que falavas na tua carta, isto é,
que te maravilhavas de tanta
matança de homens, sobretudo
de cristãos, particularmente
de poloneses, de morávios e de
húngaros, respondemos-te do
mesmo modo não compreender
nem mesmo isto.

No entanto, para que não pareça
que não se queira ignorar com-
pletamente a coisa, dizemos que
se deve responder deste modo:
porque não obedeceram nem à
palavra de Deus, nem à ordem
do Cygiskhan nem de Khan e,
tendo grande conselho, mata-
ram os nossos embaixadores,
por isso Deus ordenou extingui-
-los e os entregou nas nossas
mãos.

De resto, se o próprio Deus não
o tivesse feito, o que teria podido
um homem a outro homem? Mas
vós, homens do ocidente, credes
ser só vós cristãos e desprezais
os outros. Mas como podeis co-
nhecer a quem Deus concede o
seu favor? Nós adoramos Deus,

com a força de Deus devastamos
toda terra do Oriente ao Ociden-
te. E se esta não tivesse sido a
força de Deus, o que poderiam
ter feito os homens? Mas, se vós
escolhesteis a paz e pretendeis
entregar a nós as vossas for-
ças, tu, papa, juntamente com
os poderosos entre os cristãos,
não tardeis de algum modo a vir
a mim para fazer a paz; então
sabermos que quereis a paz
conosco.

Se, porém, não credes nesta
missiva de Deus e nossa e não
escutardes o conselho de vir a
nós, então sabermos por certo
que quereis ter guerra conosco.
Depois do quê, aquilo que acon-
tecer nós não sabemos, mas só
Deus o sabe”.³⁹

“... DEPOIS DO QUÊ,
AQUILO QUE ACONTECER
NÓS NÃO SABEMOS, MAS
SÓ DEUS O SABE”

Assim terminava a “aventura” de
Frei João em meio aos tártaros
mongóis, empresa difícil, a ponto
de muitas pessoas duvidarem
da possibilidade de um possível
retorno com vida⁴⁰ e ao mesmo

39 SALIMBENE DE ADAM. p. 290, n.
874-878.

40 Cf. *Historia Mongalorum*. p. 398, c. 9.

tempo, pelos diversos lugares que passava, era festejado com grande alegria, porque ressurgia do mundo oriental como a fênix das cinzas.

Com seu itinerário diplomático, João abria uma via importante para a futura penetração da missão franciscana em direção ao Oriente.

2.5 Encontro com o Papa

Quando chegou a Lyon, relatou ao Papa Inocêncio IV as notícias referentes aos tártaros mongóis e lhe entregou a resposta do imperador. O Papa retribuiu o serviço prestado com confiança e lealdade, promovendo Frei João ao episcopado de Antivari (Montenegro) e o nomeou mais uma vez legado pontifício junto ao rei Luis IX da França.⁴¹ É o próprio Salimbene, uma fonte segura, uma vez que havia se encontrado pessoalmente com Frei João, que escreveu na sua crônica, dando informações sobre o envio deste junto ao rei Luis IX, da França. O papa Inocêncio IV apelava ao rei da França que adiasse a cruzada, preparada para “libertar” a Terra Santa dos muçulmanos, e que viesse ajudar na proteção ao

41 Cf. SALIMBENE DE ADAM. p. 293, n. 893.

Papa e à Igreja, ameaçados por Frederico II⁴².

Retornando de sua “missão diplomática” em 1248, Frei João tomou posse da sua sede episcopal, onde enfrentou diversas dificuldades: lutas internas e disputas de poder, inclusive em relação à sua nomeação, haja vista que o cabido local havia eleito como sucessor da sede vacante um dominicano. Frei João teve de enfrentar diversos conflitos neste novo campo de trabalho⁴³.

Provavelmente, no ano de 1252, Frei João de Pian del Cárpine morria em Antivari e “concluía-se assim a sua aventura, uma aventura extraordinária de franciscano e de diplomata, marcada sobretudo pela excepcional viagem aos tártaros [...]”⁴⁴.

UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA DE FRANCISCANO E DE DIPLOMATA

42 Cf. SALIMBENE DE ADAM. p. 294, n. 895-897.

43 Cf. MENESTÒ. *Giovanni di Pian di Carpine: Da compagno di Francesco*, p. 65-66.

44 MENESTÒ. *Giovanni di Pian di Carpine: Da compagno di Francesco*, p. 67.

3. HISTORIA MONGALORUM

3.1 Estrutura geral da obra

PRÓLOGO
CAP. 1 O território dos tártaros: posição, características e clima.
CAP. 2 A população.
CAP. 3 A religião dos mongóis.
CAP. 4 Usos e costumes.
CAP. 5 A organização política.
CAP. 6 Estratégias de guerra.
CAP. 7 A relação com os países conquistados.
CAP. 8 O modo de enfrentar os mongóis em guerra.
CAP. 9 O itinerário percorrido pelo autor.

A obra de Frei João é uma mistura de relatório, tratado, história e crônica, em que ele anotou atentamente o que viu e encontrou neste “novo mundo”, compilando

o que seria, depois, uma preciosa obra de referência para se conhecer a via do Oriente e dando uma contribuição no sentido de uma maior compreensão dos tártaros mongóis, que espelha-va, de uma forma ou de outra, a preocupação e o medo na Europa ocidental da sua época⁴⁵.

3.2 Importância da *Historia Mongalorum*

[
COM A SUA “AVENTURA”
EM MEIO AOS MONGÓIS,
FREI JOÃO DESPERTOU MUITO
INTERESSE E CURIOSIDADE
DAS PESSOAS E DOS FRADES
...]

Alguns elementos da sua *Historia Mongalorum* revelam a preocupação de Frei João em registrar informações importantes para o mundo ocidental, por

45 Cf. C. LEONARDI. La via dell'oriente nell'*Historia Mongalorum*. In: Giovanni di Pian di Carpine, *Storia dei mongoli*. A cura di E. Menestò e A. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1989. p. 72: “Il sentimento del Medioevo europeo verso l'Oriente asiatico è dunque necessariamente il terrore e dunque un sentimento di qualche minaccia definitiva che incombe. I Mongoli soprattutto sono il vertice di questa coscienza”.

exemplo, no modo como descreve minuciosamente as características físicas dessas pessoas, a religiosidade e a ideia de um povo eleito, a forma de justiça, a estratégia de guerra e a arte de cavalgar⁴⁶.

Com a sua “aventura” em meio aos mongóis, Frei João despertou muito interesse e curiosidade das pessoas e dos frades ou, pelo menos, é o que Salimbene relata na sua crônica:

E eis que Frei João de Pian del Cárpine retornava da sua missão junto ao rei, pela qual o havia mandado o papa, e carregava consigo o livro que tinha escrito sobre os tártaros. E os frades o liam em sua presença, ele comentava e esclarecia as coisas que pareciam obscuras ou difíceis de se acreditar⁴⁷.

A *Historia Mongalorum* foi escrita por Frei João em duas versões⁴⁸: uma primeira versão, es-

46 Cf. LEONARDI. *La via dell'oriente nell'Historia Mongalorum*, p. 73-75.

47 SALIMBENE DE ADAM, p. 296, n. 908.

48 Cf. *Historia Mongalorum*, p. 332, c. 9: “Rogamos a todos os que leem as preditas coisas que nada diminuam nem acrescentem, porque, tendo a verdade como guia, nada acrescentando conscientemente, escrevemos tudo o que vimos e ouvimos de outros que julgávamos fidedignos, como Deus é testemunha. Mas, porque aqueles

crita logo depois da sua viagem para informar as pessoas sobre aquilo que havia encontrado pelo caminho, visto e ouvido acerca dos tártaros mongóis; texto escrito de forma incompleta. Em um outro momento da sua vida, completou a sua obra, acrescentando elementos novos e, em outras partes do texto, fazendo uma nova redação.

Frei João com certeza era uma pessoa importante, famosa e, ao mesmo tempo, simples, reconhecida nos diversos ambientes da sociedade e do meio religioso por onde passava – é o que testemunhou Salimbene:

Diziam de fato: Chega um homem da estirpe de Aarão, não nos enganará. E uma vez, quando eu estava em Cluny, aqueles monges cluniacenses me confiam: Ah, se fossem sempre assim os enviados do Papa,

pelos quais passamos – os que estão na Polônia, na Boêmia e na Teutônia e em Leódio e na Campanha – quiseram ter a sobre-escrita história, eles a copiaram antes que estivesse completa e também bastante resumida, porque nem tivéramos tempo de descanso, de modo que a pudéssemos completar totalmente. Por isso, ninguém se admire que nesta muitas coisas estão mais bem corrigidas do que naquela, porque nós, depois que tivemos algum descanso, corrigimos esta para mais completa e perfeita ou [escrevemos] mais perfeitamente aquela que ainda não estava completa”.

como foi Frei João de retorno dos tártaros! De fato, os outros legados, se podem, espojam as igrejas e levam embora tudo o que podem. Mas Frei João, quando passou aqui, não quis levar nada, exceto o pano necessário para fazer uma túnica para o seu companheiro⁴⁹.

CONCLUSÃO

Ao final desse trabalho de pesquisa sobre a curiosa figura de Frei João de Pian del Cárpine, podemos ressaltar a importância de seu trabalho de expansão do franciscanismo em direção ao mundo oriental. Não podemos nos esquecer do seu dinamismo como frade menor, membro do grupo enviado pelo próprio Francisco de Assis, após o Capítulo das Esteiras (1221), à Alemanha, para implantar a Ordem. Nos diversos serviços que desempenhou com competência, sobretudo como ministro provincial, contribuiu para a propagação da Ordem, não ficando somente no território alemão, mas ousando partir para outros ambientes, como Boêmia e Polônia, lançando assim as sementes franciscanas e estabelecendo a ponte com o Oriente.

Um outro ponto muito importante foi o papel desempenhado por Frei João na função de legado pontifício, “missão” muito difícil e perigosa, porque se tratava de andar por um território desconhecido. Mas ele, mesmo com a idade já avançada, não mediu esforços em levar adiante as negociações entre o papa Inocêncio IV e o imperador dos tártaros mongóis. Como resultado dessa viagem, Frei João deixou por escrito a sua obra intitulada *Historia Mongalorum*, uma obra que fornecia informações preciosas sobre o mundo dos tártaros mongóis, até então pouco conhecido da Europa ocidental.

A sua história mostra o papel de um observador atento e minucioso da cultura, dos costumes, da organização da sociedade; mas, ao mesmo tempo, ele parece se comportar como um espião quando descreve nos mínimos detalhes as estratégias de guerra dos tártaros. Uma coisa não se pode negar: a sua capacidade de conquistar a confiança das pessoas por onde passava, conseguindo chegar até a presença do imperador, meta difícil de atingir, ainda que as negociações, objetivo último da sua viagem junto ao imperador, não tivessem obtido sucesso.

49 SALIMBENE DE ADAM, p. 296-297, n. 910.

[
A SUA HISTÓRIA
MOSTRA O PAPEL DE UM
OBSERVADOR
ATENTO E MINUCIOSO
DA CULTURA,
DOS COSTUMES,
DA ORGANIZAÇÃO
DA SOCIEDADE;
]

Um desafio que fica é se aprofundar em sua *Historia Mongalorum*, tentando entender o seu trabalho de observador diplomático em uma cultura totalmente diferente da sua, com a sua forma de ver os fatos e analisá-los, bem como os elementos legendários que foram introduzidos no meio dos fatos históricos e, sobretudo, o seu modo de julgar os tártaros.

BIBLIOGRAFIA

a) Fontes

CONCILIORUM OECUMENICORUM DECRETA. A cura dell'Istituto per le scienze religiose. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2002.

CHRONICA JORDANI JANO. A cura di H. Boehmer. Paris: Fischbacher, 1908. (Collection d'Études et de documents", VI).

CRÔNICAS DE VIAGEM. Franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245-1330). João Pian del Cárpine et alii. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2005 (Coleção Pensamento Franciscano, v. 7).

Crônica de Jordano de Jano. *Fontes Franciscanas*. Tradução: Celso Márcio Teixeira et alii. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 1263-1294.

GIOVANNI DI PIAN DI CARPINE. *Storia dei Mongoli*. A cura di E. Menestò e A. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'alto medioevo, 1989.

SALIMBENE DE ADAM. *Cronaca*. A cura di Berardo Rossi. Bologna, 1987.

b) Estudos

PETECH, L. I Francescani nell'Asia centrale e orientale nel XIII e XIV secolo. In: *Espansione del Francescanesimo tra occidente e oriente nel secolo XIII*. Assisi, 1979. (Società Internazionale di Studi Francescani. Atti del VI Convegno internazionale. Assisi, 12-14 ottobre 1978).

SORELLI, F. Per regioni diverse: fra Giovanni da Pian del Carpine. In: *I compagni di Francesco e la prima generazione minoritica*. Spoleto, 1992 (Società Internazionale di Studi Francescani. Atti del XIX Convegno internazionale. Spoleto, 17-19 ottobre 1991).

c) Comentários

PELLEGRINI, L. e A. *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*. Torino: Einaudi, 1997.







